



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Maynah Faria dos Santos

Arte e Música em um Confinamento “Livre”

Experiências de um Universo a Bordo

Dissertação de Mestrado Profissional no Ensino de Artes Cênicas

Rio de Janeiro

2018

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a minha mãe, Rosana Pereira Faria dos Santos que hoje é a maior forma de fé, de natureza e de vivacidade que poderia ter

Ao meu pai, Carlos Henrique e à minha irmã Mayara Faria pelo zelo, carinho e paciência neste processo tão sensível

À família Santos Costa Freitas pelo incondicional amor e apoio

À Thiago Kuerques pelo companheirismo, conselho e preocupação

À Xander Telles que foi grande mestre e parceiro em minhas empreitadas profissionais

Ao meu professor orientador, Sr. Dr. Zeca Ligiéro pela sabedoria e excelentíssima direção

À instituição UNIRIO e seus funcionários pelo bravo trabalho de formação de artistas

Meu mais sincero muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta aspectos da vida de um performer a bordo. A obra exibirá pontos pessoais e profissionais a partir de temas como convivência, cultura e performance. Será analisado o comportamento do tripulante de um navio de cruzeiro e suas perspectivas a partir de uma posição na área do entretenimento. A partir de fotos e experiências, o universo a bordo aparecerá como um novo estilo de vida e rotina para pessoas que procuram atenção financeira e profissional. O resultado desta pesquisa mostra vasta noção para novas experiências no ramo e desejo por exploração de ambientes semelhantes a este.

Palavras-chave: performance; tripulante; entretenimento; navio; viagem; trabalho

ABSTRACT

This course completion work features aspects of a performer's life on board. This piece will show personal and professional points from themes such as coexistence, culture and performance. I will analyze the behavior of the crew member of a cruise ship and the prospects from a position in the entertainment area. From photos and experiences, the onboard universe will appear as a new lifestyle and routine for people that are looking for financial and professional attention. The result of this research shows a vast notion for new experiences in the field and the desire to explore environments similar to this one.

Palavras-chave: performance; crew member; entertainment; ship; trip; job

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1. PREPARAÇÃO COMO TRIPULANTE E A PERFORMANCE ARTÍSTICA ...	Erro! Indicador não definido.
1.1. O QUE É SER TRIPULANTE?	2
1.2. CULTURAS	7
1.3. ENTRETENIMENTO	14
2. PROCESSOS E DIFICULDADES DA BANDA A BORDO	Erro! Indicador não definido.
2.1. ORGANIZAÇÃO DA BANDA	21
2.2. CORPO E VOZ	27
2.3. PERFORMANCE	31
3. MATURIDADE DA PERFORMANCE E CRISE PESSOAL.....	Erro! Indicador não definido.
3.1. UM MÊS DE TRABALHO.....	41
3.2. TRÊS MESES DE TRABALHO	54
3.3. SEIS MESES DE TRABALHO.....	64
4. CONCLUSÃO.....	71
5. ANEXOS.....	74
5.1. ANEXO 1 – Reperório.	74
5.2. ANEXO2- Uniformes.....	85
5.3. ANEXO 3- figurinos combinando cores, Beatles, gala, etc.....	90
5.4. ANEXO 4- Escalas do entretenimento.....	Erro! Indicador não definido.
5.5. ANEXO 5- Cruise News	Erro! Indicador não definido.
5.6. ANEXO 6- foto com a cabeça de escola de samba.	98
5.7. ANEXO 7- destinos que visitei.....	99
5.8. ANEXO 8- tender boats.....	Erro! Indicador não definido.
5.9. ANEXO 9- vinho e vista de Dubrovnik	Erro! Indicador não definido.

5.10.	ANEXO 10- visita do meu pai	111
5.11.	ANEXO 11 – dois bolos.....	113
6.	BIBLIOGRAFIA.....	114

INTRODUÇÃO

Este trabalho será um retrato da observação sobre processo performático de seis meses a bordo do navio de cruzeiro Marella Discovery 2. O navio analisado é inglês e recebe passageiros de maioria inglesa. Apesar de redundante fato, toda tripulação é diversa, tornando o ambiente flutuante um universo de diferentes costumes e culturas.

Em seu primeiro capítulo, o trabalho será reflexo do universo a bordo. Assim que se inicia um contrato, cada funcionário torna-se tripulante, ou seja, exerce funções de segurança e salvamento além de suas funções primárias como cantores, garçons, técnicos de som, engenheiros, etc. O capítulo apresentará também questões culturais entre colegas de trabalho oriundos das mais diversas nacionalidades. Por fim, o primeiro fragmento do projeto mapeará a estrutura organizacional do entretenimento a bordo.

O segundo momento da dissertação, o projeto musical será o enfoque. Banda Certa aparecerá como figura de entretenimento proposto à companhia. Desta proposta surgirá o início deste meu processo semestral a bordo como cantora, sócia, bailarina, tripulante e performer.

Na terceira etapa deste ciclo, será analisado em quais quesitos e com qual velocidade deu-se a transição para uma evolução ou regressão vocal, física e emocional. A intenção do trabalho visa estruturar academicamente uma experiência pessoal a partir de expectativas e realizações profissionais junto a Dança, Música e Artes Cênicas.

1. PREPARAÇÃO COMO TRIPULANTE E A PERFORMANCE ARTÍSTICA

1.1. O QUE É SER TRIPULANTE?

Para adentrar com um pouco mais de conhecimento no universo da minha experiência seguinte é necessário conhecer o ambiente que será observado, suas circunstâncias e organização diária. O navio analisado tem como nome Marella Discovery 2 e de acordo com Royal Caribbean(2010) era uma embarcação que operava pela própria Royal Caribbean Internacional Cruises. Em 2016, o barco foi vendido para TUI/Marella, empresa de transporte marítimo que tem feito novos investimentos em navios de cruzeiro.

O atual navio Marella Discovery 2 na época chamava-se Legend of the Seas quando foi lançado em abril de 1995 e foi reformado ainda com o mesmo nome no início do século XXI. A embarcação passou por novos reparos para se tornar Discovery 2 que se lançou em 2017. D2, como é carinhosamente chamado por marinheiros e tripulantes tem 264 metros de largura, 32 metros de comprimento e 11 decks. O navio tem capacidade para acomodar 2075 passageiros e 750 tripulantes.

Marella Discovery 2 fez primeira viagem com novo nome em 14 de maio de 2017 ostentando sete bares temáticos, um teatro, um restaurante buffet, um salão de jantar com dois andares, três restaurantes temáticos, duas piscinas, academia, um átrio, campo de minigolfe, parede de escalada, clube para crianças e boate. Esta embarcação é denominada gêmea de Marella Discovery 1 que passou pelo mesmo processo de venda por Royal Caribbean e chamava-se Splendor of the Seas.

O navio organiza a contratação de seus funcionários por empresas terceirizadas. Algumas utilizam-se de agentes e outras estabelecem acordos diretamente com seus funcionários. Segundo Ribeiro (2007)

Um estudo realizado pela BSH Travel Research (2006), uma empresa de consultoria hoteleira mostrou que como os cruzeiros são de bandeira

estrangeira, os funcionários (denominados tripulantes) são contratados por meio de contratos internacionais direto com as operadoras das embarcações ou com em redes terceirizadas ou quarteirizadas no país. No caso dos animadores é desta forma que acontece a contratação de animadores por meio de uma empresa/agência no país onde acontecerá a temporada. (2007, p. 6)

A contratação de funcionários por agentes de empresas terceirizadas agiliza o processo de admissão de tripulantes, além de aligeirar as questões administrativas como por exemplo a checagem de atestados médicos e cursos de salvamento obrigatórios para a entrada no mercado profissional a bordo.

Com exceção dos oficiais marinheiros, todos os funcionários de finalidades não-militares devem conter minimamente um curso específico para segurança a bordo. Esta breve formação chama-se STCW (*Standards of Training, Certification and Watchkeeping*) ou em português CBSN (Curso Básico de Segurança em Navio). O certificado do curso STCW tem duração de cinco anos.

Neste curso, aprendi técnicas primárias em contenção de incêndio, primeiros socorros e padrões de segurança estabelecidos para a vida humana a bordo. O curso no Brasil acontece em uma semana distribuída em quarenta horas de aulas e avaliações teóricas e práticas.

Contém aqui a compreensão e significação da palavra Tripulante. É importante entender neste ponto de qual maneira profissional cada colaborador deve organizar-se como prestador de serviços e como pessoa comum com direito a lazer e descanso. Segundo Ferreira (1988) tripulante é aquele que tripula, é marinheiro.

Penso que Ferreira (1998) retratou tripulante no sentido literal da palavra referindo-se ao marinheiro que estudou anos em uma academia militar especializada em formar profissionais para o mar. Na vida a bordo, tripulante é todo e qualquer funcionário do navio. Pessoas que optam por uma rotina profissional em alto mar devem exercer suas funções primárias e ser responsáveis por zonas de salvamento onde, a qualquer tipo de emergência, são solicitadas a estar com prontidão em sua posição.

No momento de embarque na navegação Marella Discovery 2, é de praxe cada tripulante fazer todas as aulas teóricas do STCW novamente. Desta vez as

aulas são aplicadas em inglês por oficiais marinheiros e no fim de uma semana de treinamentos teóricos é aplicado um exame em múltipla escolha aos recém-chegados.

Além de realizar todos os procedimentos padrões ao navio para a aprovação naquele tipo de embarcação, é executado um treinamento de emergência uma vez por semana. Ao soar de sete apitos longos e um curto, todos os tripulantes devem colocar-se em suas posições para dar assistência aos passageiros, esperar seu momento de embarcar em um bote salva-vidas ou evacuar sua cabine para que não sofra nenhum tipo de acidente em um incêndio ou algo parecido.

Durante estes treinamentos semanais chamados de Crew Drill (treinamento para funcionários), oficiais das mais diferentes patentes (cadete ao capitão) passam em postos de espera perguntando questões técnicas sobre o navio e sobre salvamento para os funcionários. Deve-se saber questões básicas como em qual zona de fogo cada cabine se localiza ou quantos botes salva-vidas existem a bordo.

Muitas vezes, depois de trabalhar até uma hora da manhã, eu tinha que acordar cedo para alinhar-me em minha posição e responder estes tipos de pergunta. Os únicos funcionários que eram isentos do Crew Drill eram os que ficavam em plantão a trabalho (15% da tripulação, já que neste horário a maioria dos passageiros está fora do navio) ou o que estavam doentes e tinham liberação médica.

Neste momento, o tripulante se torna um militar. Em situação de treinamento, não podia sentar-me, pôr minhas mãos no bolso ou usar óculos escuros. Sentia-me uma pedra, sem pouco poder me mexer e falar. Meu corpo, que viveu arte toda a vida, não aceitava muito bem aquela condição física mas entendia da importância e segurança que aquele treinamento me daria caso houvesse alguma urgência.

O treinamento simulado auxilia na preparação de agentes, tornando-os capazes de avaliar as situações, identificar e agir no menor tempo-resposta possível de acordo com planos estabelecidos na prospecção de situações (CAMAROTTO e MENDES, 2015, p. 563)

Outro tipo de norma rigorosamente cumprida uma vez por semana intitulava-se Inspeção de Cabine. Esta prática tem por objetivo manter a ordem e organização

no quarto dos tripulantes. Os funcionários com cargos mais altos e/ou oficiais faziam esta inspeção com muita cautela.

Não eram permitidas nas cabines comidas, drogas, bebidas alcoólicas e ferramentas que fossem prejudiciais ou nocivas à saúde física dos funcionários. A ordem era que cada tripulante deixasse seu colchão levantado facilitando assim a procura de inspetores por insetos e roedores nas cabines visitadas. Era pedido também que deixassem todos os equipamentos eletrônicos desligados.

A saúde física dos tripulantes é de suma importância para a empresa já que todos realizam atividades físicas em seu trabalho. Como brevemente mencionado acima, alguns atestados médicos específicos são requisitados para introduzir-se na área. Tratando-se especificamente do Marella Discovery 2, o certificado necessário para a admissão do funcionário é o ENG1-Norueguês¹.

A partir da verificação e aprovação destes exames é emitido o certificado ENG1-Norueguês com validade de dois anos. Com este certificado o tripulante inicia sua temporada em abundante saúde e pode tranquilizar-se com a contaminação de pequenos fungos e bactérias existentes na embarcação. Todos estes atestados são

¹ O ENG1-Norueguês confirma plena saúde e funções físicas básicas com aptidão para trabalho físico a bordo. Para a aquisição deste documento é necessária a feitura dos seguintes exames:

- EAS
- VHS
- Hemograma completo com plaquetas
- Glicose
- Eletrocardiograma (ou teste ergométrico caso tenha mais de 40 anos)
- Exame oftalmológico (aparelho visual com teste de cores e campimetria)
- Audiometria tonal

- Exame clínico para Certificação

confiscados pelo responsável aos assuntos de tripulantes a bordo e são devolvidos apenas no ato de saída permanente ou finalização de contrato.

Tal embarcação que dispõe de mais de vinte anos de prática é extremamente insalubre. Mantenedores afirmam o fato por denotarem características a bordo como obter carpetes antigos, cortinas limpas com pouca frequência e vazamentos mal limpos. Mediante a estes fatores, cada tripulante é responsável por sua saúde pessoal após entrada no navio. São responsáveis por lavar e secar suas roupas/uniformes em locais indicados no navio sem nenhum tipo de custo adicional.

O barco possui centro médico que funciona para pequenos acidentes e imprevistos. Caso algo mais grave aconteça, os pacientes são encaminhados para fora do navio. Em situação de emergência em meio a rotinas de 24 horas ao mar, aportamos na costa mais próxima para rápido socorro do paciente.

Falando agora sobre divisão de cabines, cada tripulante, de acordo com sua posição é designado a uma diferente acomodação. Tripulantes em funções como as de Capitão, Sub Capitão, Chefe de segurança, Chefe de cozinha, Diretor de Cruzeiro e Gerente Geral são acomodados em cabines luxuosas com escritório e varanda. Já os funcionários de posições primárias reconhecidas como de remuneração baixa (cozinheiros, garçons, equipe de limpeza, etc) acomodam-se com mais um tripulante em uma cabine de mais ou menos dois metros quadrados.

As cabines aumentam e diminuem de tamanho de acordo com função e salário a bordo. Eu, cantora da banda residente do navio, vivi sozinha em uma cabine de dois metros e meio por cinco meses. Em diferentes momentos da temporada, duas meninas foram embarcadas para passar apenas uma semana cada comigo.

Em alta temporada, em feriados e férias escolares, funcionárias do clube infantil são embarcados para auxiliar no grande contingente de crianças a bordo. Não tive problema de convivência com estas meninas mesmo porque em uma semana pouco as conheci. Passavam todo o dia trabalhando e preferiam dormir nos tempos livres. O fato de estar sozinha em grande parte da temporada nesta cabine era agradabilíssimo pois não dividir cabine significa não ter conflitos naturais e diários com uma pessoa que não conhecemos anteriormente.

Em momentos de descontração em alto mar, todo tripulante do navio tem direito a frequentar área específica aos funcionários chamada Crew Bar. Este espaço nada mais é que um pequeno pub com bebidas e aperitivos vendidos a valores acessíveis além de espaço para pequenos eventos e música ao vivo. O Crew Bar funciona diariamente com horário alternativo pela manhã e pela noite das dezessete às duas horas.

Ser tripulante tem grande responsabilidade no âmbito profissional e social a bordo. Eu que sei... Tínhamos responsabilidade em avisar caso visse algo suspeito ou comprometedor. Éramos observados a todo tempo por coordenadores e passageiros que querem nos ver em momentos de folga ou felizes a todo tempo, afinal, estão de férias.

A principal posição onde colocam-nos a todo tempo é de viajantes, de nômades. Muitos não sabem como é diferente do que idealizam e quanto compromisso exige estar em qualquer colocação a bordo. Ser tripulante é respeitar uma hierarquia a bordo, realizar seu trabalho com excelência e estar sempre com um sorriso extra como era de pedido desta companhia.

1.2. CULTURAS

Viajar a trabalho é uma atividade cada vez mais natural no século XXI. Trabalhar fora de seu estado ou país é sempre oportunidade de expansão de conhecimento e crescimento especializado em sua profissão. De acordo com o site Booking.com(2016), 74% dos brasileiros afirmam ver uma oportunidade para crescer profissionalmente em viagens a trabalho.

Viajar a trabalho expande pontos de vista e revigora o tradicional ato de dedicar-se a sua ocupação. Viajar em função de seu ofício é ter a oportunidade de conhecer novos locais e pessoas além de atravessar inéditas experiências a serviço. Em artigo de âmbito acadêmico, Borges e Pereira(2006) apresentam a conexão entre Turismo de negócios e Turismo a lazer.

Existe uma grande discussão em torno do turismo de negócios, pois alguns pesquisadores não o consideram uma modalidade do turismo, uma vez que o objetivo da viagem não é o lazer. No entanto, a Organização Mundial de Turismo - OMT (2003) classificou as viagens de negócios como turísticas, não em função da natureza e da motivação da viagem, mas por considerar a demanda significativa e constante dos empresários e executivos aos bens e serviços turísticos. O turismo de negócios é considerado um importante nicho da atividade econômica, graças a sua abrangência e tendência de crescimento. É o responsável pela utilização de grande parte das instalações dos hotéis, dos serviços de alimentação, dos meios de transporte, além da existência de inúmeras agências de viagens especializadas no atendimento das corporações. O turismo de negócios pode ser importante para uma cidade ou região, principalmente para aquelas que não dispõem de atrativos naturais ou artificiais de econômico local, por meio da geração de emprego, renda e criação da infra-estrutura que não beneficia apenas o turista, mas também a população local (BORGES ET AL, 2006, p. 2 e 3)

Diferente do que concorda a Organização Mundial de Turismo, Borges e Pereira(2006) associam duas vias turísticas como dependentes uma da outra.

Minha relação com o turismo de negócios (turismo a trabalho) relaciona lazer aos parâmetros profissionais a todo tempo. Em meu caso, estas relações permitiram-me conhecer inusitados hábitos, novos idiomas, culinárias, geografias e rotinas.

Assim como é relatado no dado acima, fiz uso de serviços locais e atividades onde gerei movimentação econômica em cada cidade onde aportei. Tive tempo suficiente para visitar museus, realizar tours pela cidade, compras de figurino ou até mesmo fazer duas refeições típicas diárias fora do navio.

Meu objetivo em seis meses trabalhando a bordo foi escrever um diário onde expunha em média quatro vezes na semana minhas experiências, expectativas, frustrações e realizações referentes aos âmbitos profissional, pessoal, social e coletivo.

Penso Cultura como uma das principais referências de compartilhamento de informações a bordo. Trabalhei por vinte e seis semanas em um ambiente com funcionários de quarenta nacionalidades diferentes. Eram horários difusos com alimentações e práticas avessas as minhas.

Concordando com Eagleton(2000) "A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo

escolhido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do estado.”.

Consigo equiparar a afirmação de Eagleton(2000) com a adaptação diária que submeti-me nestas semanas longe de minha cultura nativa. Trabalhar longe de casa torna-se difícil quando encontra-se tranquilidade e apoio onde vive. Percebi em superficial pesquisa que os motivos pelos quais tripulantes decidem morar fora em consequência do trabalho são restritamente financeiros e tem como finalidade o crescimento profissional.

Todo tipo de adaptação cultural/social é delicada pois envolve fatores emocionais e sensíveis não tão adequados aos setores profissionais a bordo (já que, como mencionado anteriormente, o padrão comportamental do tripulante deve ser comparado ao de um militar).

Tratando-se de cultura, a partir do território onde habitamos, pode-se afirmar que sua geografia influencia o ser de acordo com o usual e novo meio que ocupamos. As demonstrações de afeto por nações a favor da valorização territorial eram latentes no navio. Kuerques(2017), que aborda território baseando-se em arte e cultura na Baixada afirma:

Na Baixada há muito que se ver e viver. Na Baixada Fluminense tem muita arte girando a roda, muito talento colocando a cabeça para fora do mar de lama cada vez mais difícil. Não é provincianismo barato. É arte, ou seja, a linguagem mais universal que se pode haver para que se saia do buraco - alguns rasos outros profundos. É necessário que exista esse reconhecimento de território, um aplauso à aldeia, uma flor no meio das pedras. Em nome de quem abaixa a cabeça para quem é de fora passou da hora de marcar o TERRITÓRIO. (Página 7)

O efeito de enaltecimento ao território onde pertencemos acontece não só na Baixada Fluminense, mas em muitas outras áreas do mundo, como confirmado em minha experiência a bordo. A necessidade de mostrar o que cada origem tem de autêntico e original é receita para boas doses de enriquecimento cultural.

A maioria de tripulantes a bordo é oriental, em razão disto, as festas no Crew Bar (realizadas uma vez por semana com bebidas e aperitivos custeados pela companhia) são em maioria com temática oriental. Eram festas repletas de patriotismos, comidas, bebidas e trajes tradicionais a cada nação.

Do que diz respeito a alimentação a bordo, varia-se de acordo com datas e restaurantes. Como cantora, tinha acesso às áreas de passageiros, por este motivo, dispunha de mais de um restaurante por refeição para alimentar-se. Poderia utilizar a Staff Mess (Restaurante para funcionários do meu setor), Islands (Restaurante com Buffet acessível a passageiros e funcionários do meu setor - este espaço funcionava das sete horas da manhã às nove e meia da noite todos os dias) ou os restaurantes temáticos que poderia utilizar mediante agendamento.

Pelo fato de o navio ter como enfoque a recepção de passageiros britânicos, o cardápio nos restaurantes acessíveis a eles era típico inglês. O Café da manhã era repleto de ovos com bacon e no almoço/jantar serviam-se muitas tortas salgadas, saladas, carnes de porco e sanduíches. As comidas eram carregadas de condimentos e pimenta excessiva. Os chás Yorkshire eram bebida indispensável a todas as refeições.

Já na Staff/Crew Mess (restaurante para funcionários do meu setor) o cardápio era reduzido e sempre contido de salada, uma massa específica, frango/carne e dois tipos de sopa (uma delas era sempre oriental). Não podíamos cozinhar a bordo por medidas de segurança, desta forma, éramos autorizados apenas a consumir aperitivos em embalagem industrializada (que não fossem cozidos/fritos) ou macarrões instantâneos em copos (onde aquecíamos água em chaleiras elétricas ou buscávamos nos restaurantes para funcionários que eram meio caminho até o Crew Bar).

A alimentação a bordo sempre foi um grande obstáculo a vencer. Tomemos como exemplo o básico. Arroz ou Macarrão. No Brasil, a básica tradição nos permite temperar estes alimentos com alho e/ou cebola. No navio, eram cozidos apenas em água. Sem sal ou qualquer outro tipo de condimento que valorizasse o sabor do alimento. Feijão era visto uma vez por semana no buffet de saladas, frio como qualquer outro tipo de grão.

Em algumas ocasiões “especiais” como Copa do Mundo ou Casamento Real, o chef responsabilizou-se por preparar churrascos à beira da piscina, mas não eram como tradicionais churrascos brasileiros. Eram feitos com hambúrgueres, salsichas, frango e comparavam-se aos churrascos americanos. A falta da comida típica brasileira alternava meu humor e saúde já que, além de não ter variedade de

alimentos como os brasileiros, muitos ali não eram tão proteicos e vitamínicos como os de casa.

Antônio Grecco RODRIGUES afirma que o ritual da alimentação varia de acordo com as condições sociais em que é realizado, mas é sempre parte essencial da vida em família e em sociedade: a forma como arrumar a mesa; o espaço da casa escolhido para fazer a refeição – a cozinha, a sala, o quintal, a varanda; a bebida que a acompanha; a elaboração de um prato culinário; os utensílios a serem usados, ou seja, as práticas alimentares. Normalmente a alimentação diária é composta por produtos comuns da região e sua elaboração é mais simples. Tudo o que exige maior elaboração é transferido para o campo da comida cerimonial que aparece, mais frequentemente, nos finais de semana e nas celebrações, mas também pode estar presente no dia-a-dia. As comidas típicas são próprias da mesa cerimonial, pois geralmente elas são mais trabalhosas e elaboradas. É considerada típica aquela comida que é a especialidade de cada região. Reinhardt (Pag. 103)

Usando-me da falta que sentia por alimentos bons, procurava experimentar pratos originais para conseguir estimular meu paladar a novos sabores. Minha grande paixão nesta viagem foi Gyros. Sanduiche grego de carne de porco e/ou frango, com molho típico branco, salada de alface com tomate e batatas fritas. Gyros é realmente um prato do Deuses gregos.



Durante minha semana, comia durante o dia nas cidades onde passava. Pela noite, alimentava-me nas áreas de Staff/Crew Mess (onde a comida era um pouco melhor temperada) e nas áreas de passageiros. No momento das refeições a bordo, as questões culturais vinham à tona. Comi alguns dias com colegas de departamento que eram asiáticos. Eles sempre se alimentavam de pimenta com

sopa, pimenta com carne ou até mesmo pimenta com arroz. O habito que todos compartilhavam era de preparar pimenta com shoyo ou azeite em uma travessa de sopa para poder banhar seus alimentos com molho.

Sobre comida e tradição, Reinhardt(2007) afirma:

Já a “tradição” e, no caso mais específico, a tradição culinária, tem um sentido simbólico, pois está deslocada de seu “ambiente” original, seja ele espacial ou temporal. A palavra tradição vem do latim traditio. O verbo é tradire e significa entregar, passar algo para outra pessoa, ou passar de geração a outra geração. É esta transmissão que faz a tradição deslocar-se temporalmente, dando-lhe um sentido de ligação com o passado.

Reforço o que Reinhardt(2007) afirma trazendo enfoque não só ao alimento que via pessoas advindas de outra cultura consumindo mas pela postura e método usado por eles. Muitas destas pessoas comiam com as mãos ao invés de usar talheres. Faziam pequenos bolas de arroz ou pão e mergulhavam em molho de sua preferência.

Nos horários da alimentação, existiam tribos divididas nos restaurantes. Ingleses sentavam em uma mesa separada, assim como ucranianos, filipinos e nós, brasileiros. Este habito é facilmente justificável pela diferença linguística. Como comer era momento de lazer, cada pessoa preferia unir-se a outra de sua nacionalidade para compartilhar de um momento de paz e tranquilidade.

Retornando a afirmativa de Reinhardt(2007), concordo que o fato de estamos longe de casa mas próximos a pessoas que minimamente nos lembrem deste universo, aguça a intenção pelo fenômeno tradicional de realizar refeições juntos a família e/ou amigos.

Do que tange a comunicação, é importante ressaltar que Inglês é a língua oficial a bordo do Marella Discovery 2. Todos os tripulantes a bordo são obrigados a se comunicar em inglês em áreas de passageiros. Além desta regra, em ensaios, reuniões, locais de socialização e trabalho com alguém que fale língua diferente, é recomendado o uso da língua inglesa como forma de educação e profissionalismo.

O idioma fluente (no mínimo o inglês) tem sido uma exigência da maioria das empresas para a contratação dos profissionais que atuam nos cruzeiros. Algumas entrevistas inclusive costumam acontecer nesta língua.

Se o profissional do lazer, contudo, comprovar ampla experiência na área do lazer muitas empresas dispensam o conhecimento do idioma. Mas isto poderá comprometer a ascensão dos cargos na área do lazer como já comentado. No caso dos outros profissionais da área do lazer como os músicos e outros artistas, em alguns navios, não há a exigência que toda a equipe saiba o inglês ou o idioma da bandeira do navio, mas alguns profissionais da equipe devem conhecê-lo. RIBEIRO – Seguimento da citação anterior do autor.

Assim como Ribeiro (2007) denota, todas as funções, exceto músicos e bailarinos não tem inglês com exigência no ato da contratação. Apesar de interagirem no momento pós palco e serem igualmente responsáveis por passageiros em caso de emergência, não são cobrados pelo uso da língua.

A regra da empresa TUI/Marella é válida a todos, por este motivo, os artistas que não falassem inglês, evitavam áreas de passageiros. Na Banda Certa (minha banda), apenas três pessoas de uma banda com cinco peças falam inglês. Os dois cantores em linha de frente e o *band leader* (líder da banda - Tecladista).

Nesta troca de culturas, o inglês aparece também como instrumento de comunicação e intensivo estudo da língua considerada uma das cinco mais faladas mundialmente. Como estudo de caso, posso citar o tecladista de minha banda que chegou em sua primeira temporada nesta companhia com nível de conversação em inglês aproximado a 20%. Hoje, no fim de sua segunda temporada, tem conversação próxima a 60%. Este músico consegue compreender com muito mais facilidade e praticidade o inglês britânico e o inglês utilizado por outras culturas como segunda língua.

A dificuldade de comunicação aliada a clausura é uma das situações mais delicadas quando se trata de trabalho a bordo. Existem tickets disponíveis para compra de internet em navios, mas não são acessíveis aos funcionários com baixo salário. O maior pacote, que pode chegar a durar um mês, custa quarenta libras e possui 3 GB para navegação. Este pacote não dura muitos dias caso seus dados fiquem ligados por vinte e quatro horas. A melhor maneira de usar este ticket é ligar e desligar cada vez que for usar, não enviando vídeos, fotos ou áudios para que conservem seu tempo de uso.

De acordo com Dias (et al, 2012) “entrevistados apontaram alguns motivos para não permanecerem embarcados por mais de dois contratos: São eles: a longa

duração do contrato, saudades da família e amigos e dificuldades de adaptação a bordo.”

Na companhia TUI/Marella, com exceção dos marinheiros, não é possível contratos com duração inferior a quatro meses. Partindo deste princípio, a preparação emocional e racional para a condição onde imagina-se viver, tende a se torna maior. Este também transforma-se um dos motivos para interação com colegas de outras nacionalidades a fim de expandir as redes profissionais e principalmente afetivas.

1.3. *ENTRETENIMENTO*

Muitos tripulantes julgam o entretenimento como um dos departamentos mais importantes a bordo. Toda divisão dentro de um navio tem sua devida importância, mas o entretenimento é aquele setor que mais aparece a visão dos que o consomem.

O entretenimento em navio de cruzeiro é uma infinita possibilidade de lazer. No navio em estudo, as atividades iniciam-se por volta das oito horas da manhã e finalizam-se às três horas da manhã do dia seguinte. O entretenimento a bordo busca fazer com que as pessoas não saiam do navio e passem uma semana consumindo atrações e produtos a bordo.

Ribeiro (2007) declara em seguinte afirmação que:

Ao mesmo tempo em que se desloca, o passageiro de um cruzeiro tem a possibilidade de vivenciar diversas atividades de lazer. Por isto os cruzeiros são diferentes de outros meios de transporte uma vez que o deslocamento, o turismo e o lazer ocorrem ao mesmo tempo.

Até seguinte afirmação, não pensava em navios de cruzeiro como meios de transporte, pois minhas experiências em relação ao termo, aproximavam-me de transportes que me levassem a algum lugar diretamente guiado, sem nenhum tipo

de interrupção ou, ao menos, show, cassino ou teatro. Baldeações e escalas são sempre rápidas e, em maioria, não nos dão tempo de conhecer locais de passagem como em navios.

Já no cruzeiro, por sete dias, muitas vezes pude conhecer três ou quatro países diferentes a partir deste meio de transporte. Além de, da mesma forma que os passageiros, desfrutar de excelentes atrações artísticas a bordo. O entretenimento de um navio de cruzeiro é em particular habilitado e especializado em suas áreas de atividade.

A organização do entretenimento no navio de cruzeiro Marella Discovery 2 é dividida nas seguintes funções: músicos, apresentadores, cantores, atores, bailarinos, DJ, clube infantil, cassino, casal de bailarinos para danças de salão, cassino, diretor do cruzeiro e assistentes do diretor do cruzeiro.

Como falado anteriormente, algumas empresas terceirizadas cuidam de específicos departamentos a bordo. A empresa responsável por contratar entretenimento para Marella Discovery 2 chama-se Peel Talent. Esta empresa tem a incumbência de zelar com cuidado e manutenção aos instrumentos, e equipamentos a bordo de cada navio contratado. Peel Talent deve também dedicar-se a administração do bem estar e saúde de seus funcionários.

Peel Talent tem como preferência a contratação de funcionários ingleses já que a demanda de clientes é em maioria britânica. A empresa pensa ser mais prática a associação dos passageiros a um lugar aconchegante como sua casa. A relação de todo o time do entretenimento com os passageiros é de proximidade. Em uma semana de cruzeiro, somos aconselhados a interagir o máximo com o público para que saibamos suas preferências.

O entretenimento também é orientado pela equipe de segurança a saber com clareza, informações geográficas do navio pois, por estarmos mais visíveis e disponíveis, passageiros vem a todo momento perguntar onde se localizam restaurantes, teatro, ambientes com música ao vivo, game shows, etc.

Por estarmos sempre em contato com público, temos regras sociais além das básicas estipuladas aos outros funcionários. Não podemos demonstrar carinho em público (abraçar, beijar ou acariciar um colega), não podemos usar óculos escuros em área de passageiro (regra que particularmente não cumpria por ter de sensibilidade a luz solar), não podemos usar jeans, roupas de academia ou malhas ao frequentarmos qualquer um dos restaurantes, não podemos usar celular em áreas de passageiros, entre outras coisas.

Referente a bebidas alcoólicas, podemos beber apenas dois drinks por noite pagos por nós mesmos com 50% de desconto ou oferecidos por passageiros. Bebendo quantidade acima da indicada, qualquer funcionário pode ser convidado a fazer um teste de teor alcoólico corporal. Se descoberto mais do que a quantidade permitida, o funcionário é imediatamente desligado da empresa, desembarcando no dia seguinte.

As funções do entretenimento, apesar de muito divertidas, exigem extrema dedicação e preocupação com público. Os passageiros, apesar de terem como objetivo de viagem os portos visitados, querem ser entretidos da melhor maneira possível quando estão no navio. Os clientes apresentam-se sempre atenciosos aos profissionais e querem retribuir a dedicação e carinho que levamos a eles através de nosso trabalho.

Um dos ofícios no entretenimento de maior dedicação mediante tempo diário de trabalho é o de Animador/Apresentador, Os Animadores do Marella Discovery 2 na temporada de 2018 apresentavam jogos, atrações musicais e cênicas além se uma vez por semana serem requisitados para a feitura de peças infantis junto aos funcionários do clube das crianças.

Os Entertainment Hosts (que na tradução literal significa apresentador de entretenimentos) eram solicitados a estar em todo e qualquer evento do navio. Apresentações de boas-vindas a bordo, festas semanais a beira da piscina, apresentações principais de cantores solo e shows temáticos de bandas finalizando a noite.

Além das características supracitadas do profissional de lazer, o animador de navio deverá estar atualizado com o mundo e com fatos que aconteçam fora do ambiente de navio (mesmo muitas vezes estando impossibilitado de ter acesso direto a essas informações). [...] Uma condição marcante do animador a bordo é que ele deverá saber que, muitas vezes, o próprio navio já é um divertimento para o passageiro e que sua participação nas atividades propostas será uma opção e não uma obrigação. Dias (et al, 2012, p. 05)

Complementando a afirmativa de Dias (et al, 2012) o Animador deve entender como portar-se em sua função a bordo sem fazer com que seus clientes se sintam obrigados a participar de alguma atividade ou entediem-se com ela.

Seguindo a composição de funções do entretenimento, os músicos têm significativo auxílio na organização de atrações a bordo. Na temporada de verão de 2018 do navio em questão, o time era formado por uma banda de cinco peças, uma banda de quatro peças, um One-man-band (que nada mais é que um cantor solo que toque violão), um pianista e um saxofonista.

Todas estas atrações foram substituídas por razões contratuais enquanto estava a bordo do Marella Discovery 2. A banda de quatro peças, chegou para substituir um trio que realizou um contrato de nove meses. O saxofonista também foi substituído duas vezes (a primeira quando cheguei e a segunda vez próxima a minha despedida do navio). O One-man-band que trabalhava a bordo quando cheguei, realizou temporada de oito meses e foi substituído quase no fim de meu contrato. Já o pianista foi substituído apenas uma vez quando completei quatro meses no barco.

Os músicos a bordo têm como função entreter seu público de acordo com o gênero musical que foram contratados para reproduzir. Neste navio, os profissionais musicistas trabalham em média uma hora e meia por dia, todos os dias distribuídos pelos navios com escalas e ambientes diferentes.

As atrações musicais iniciam-se por volta das dezoito horas e finalizam a uma hora. Depois deste horário, a música a bordo é direcionada ao DJ que se encontra de das dezoito horas às três horas na boate do navio. BAR 11 (como chama-se a boate) pode ser frequentada pelos funcionários do entretenimento até

as duas horas da manhã. Após este horário, não é permitida a utilização de área de passageiro por nenhum membro do Crew a bordo.

O momento de grande atração da noite é sempre localizado no teatro, onde os atores, cantores e bailarinos apresentam-se seis dias por semana. Segundo Valente (2018):

A área nobre – o grande teatro – oferece espetáculos no horário do jantar, normalmente em dois turnos. Baseados em espetáculos de sucesso na Broadway, bailarinos, acrobatas e cantores fazem praticam uma competição de desenvoltura muscular, vibrati e decibéis, compondo uma narrativa meio descabida, com a intenção maior de mostrar técnica e força (aqui, em vários sentidos...)

O Show Team (time de shows) neste navio era composto por dez profissionais. Quatro deles eram apenas bailarinos formados em universidades Londrinhas nos cursos de Dança e Performance. Os outros seis eram divididos entre cantores, atores e bailarinos que faziam parte da linha de frente do time. Todos eram extremamente habilidosos e realizavam ensaios todos os dias antes de cada show. Este Show Team permaneceu a bordo por um ano, por este motivo, quando embarquei, já estavam há seis meses trabalhando em alto mar.

Cada cantor do time de shows realizava uma vez por semana um set de quarenta e cinco minutos com músicas temáticas. Os sets eram chamados de Cabarets e tinham como tema Rock, Divas, Pop ou nome de bandas e artistas como Queen, Elvis, entre outros.

Existe a bordo um casal de bailarinos especificamente formado em danças de salão para ministrar aulas a casais interessados em ritmos típicos latinos (rumba, chá-chá-chá, salsa, merengue, tango, etc.). Este casal unia-se uma vez por semana ao Show Team para fazer apresentações nos espetáculos de teatro.

O clube infantil a bordo faz sucesso entre crianças e adultos. Uma equipe de quatro a seis pessoas é formada e organizada para receber crianças e jovens de dois a quatorze anos nas dependências do navio. As atividades acontecem todos os

dias de nove às vinte e três horas. Teatro, vídeo game, filmes e brincadeiras educativas são algumas das práticas exercidas neste ambiente.

No time de coordenadores do entretenimento a bordo ocupam-se o Diretor de cruzeiro e os assistentes do Diretor de cruzeiro. Segundo Dias et al (2012, p. 5):

O diretor de cruzeiro é considerado um anfitrião a bordo do navio e toda a equipe de animação, artistas, bailarinos e cantores estão sob seu comando. A programação de lazer e as atividades que irão ocorrer a bordo, planejadas pelo chefe de animação e a equipe de animadores, devem ser discutidas e autorizadas pelo diretor de cruzeiro.

O Diretor de cruzeiro tem como incumbência montar todo cronograma de atividades semanais do navio. Seus assistentes podem ajudá-lo com sugestões, mas a responsabilidade final é toda do Diretor. Shows do dia, locais de remanejamento para bandas, game shows e sets temáticos são atribuição para o este cargo.

Cada semana, um ranking de notas é feito pelos passageiros do Marella Discovery 2 para que saibamos o que mais os agradou ou desagradou. De acordo com essas notas, a posição deste Diretor de cruzeiro é mantida ou não. Segundo Payne (2018), a média de notas para o entretenimento neste navio de 88.8 pontos (com mínimo de cinquenta e máximo de cem pontos).

O Diretor de cruzeiro e seus assistentes que foram promovidos de funções inferiores como cantores, bailarinos ou apresentadores, continuam realizando estes papéis e coordenando cada setor com atenção e comprometimento.

No time do entretenimento haviam também os assistentes do cassino que auxiliavam os jogadores por toda a noite. O cassino tem autorização para funcionar apenas quando o navio se localiza a 12 milhas náuticas de distância da costa. Por este motivo, a partir da saída até a chegada no porto seguinte, o cassino tem autorização para funcionar.

O entretenimento também é contido por técnicos de som, luz e manutenção de equipamentos. Os técnicos trabalham em todas as áreas de entretenimento e são responsáveis por manter música mecânica em todos os ambientes do navio. Os mesmos são também operadores de som que auxiliam a execução dos sets de todos os músicos a bordo assim como os espetáculos no teatro.

Muitas vezes por falta de acesso ou tempo, funcionários a bordo do mesmo navio por seis meses não tem conhecimento de onde cada um trabalha. Exceto os músicos, todos do entretenimento são obrigados a usar uniformes em áreas de passageiro. Por esta razão, muitas pessoas a bordo não sabiam que era cantora.

No último mês a bordo, foram postos vídeos da banda na televisão do navio, onde os canais eram programados a passar filmes, atividades a bordo ou propagandas da companhia. Nesta televisão, todos os funcionários tinham acesso e destes últimos trinta dias até o fim da temporada, fui elogiada constantemente por funcionários pelo trabalho da banda a bordo

2. PROCESSOS E DIFICULDADES DA BANDA A BORDO

2.1. ORGANIZAÇÃO DA BANDA

A Banda Certa começou mais ou menos em 2011 logo depois que participei do programa Ídolos na Record. Neste programa, onde 47 mil pessoas inscreveram-se, fiquei entre os quinze melhores. Penso ter sido eliminada pois, assim como muitos dos programas de calouros, existem estereótipos que funcionam bem de acordo com o público. O cantor pop, o sertanejo, o roqueiro e eu, que sem perceber, de forma natural e involuntária, cantei samba em todas as etapas. Fui considerada a sambista do programa e no momento em que decidi cantar outro gênero, fui eliminada.

O projeto da Banda apareceu quando meu pai, músico e professor, me reapresentou para Xander Telles que era seu amigo de trinta anos. Xander me conhece desde pequena e relatava ter ido algumas vezes a minha casa e ter me visto com mais ou menos cinco anos correndo de calcinha pelo quintal. Fiquei muitos anos sem encontrá-lo e quando fiz dezessete anos, após o programa, meu pai saiu para jantar com minha mãe e foi assisti-lo tocar. Chegando ao bar, meu pai disse que queria que Xander me ouvisse cantar de qualquer maneira. Disse que eu era afinada, bonita e tinha tudo a ver com seu trabalho.

Alguns dias depois, meu pai me falou sobre encontrar Xander para uma 'entrevista'. Fiquei muito nervosa pois pensei que fosse algo mais formal do que era. Quando cheguei, sentamos os três em frente a um computador que tinham bases e comecei a cantar algumas músicas para ele. Xander ficou surpreso e feliz por encontrar alguém que se adequasse ao trabalho dele e que pudesse começar o projeto Banda Certa. Passei três anos trabalhando apenas com a função de cantora no grupo. Aprendi sobre evolução performática no palco, aprendi sobre voz, interação com público e profissionalismo até que Xander Telles convidou-me em 2014 para ser sua sócia.

No primeiro instante, assustei-me com o fato de ter 50% de responsabilidade em toda e qualquer atividade na Empresa Banda Certa. Fui me adaptando as novas funções de administradora, investidora, assistente do Band Leader e empresária do novo negócio. Compramos muitos equipamentos de som e luz para que o trabalho se tornasse o mais tecnológico possível além investir em figurinos e backing tracks comprados online.

Banda Certa tornou-se prestadora de serviços musicais e de sonorização no Rio de Janeiro. Fazemos eventos com a banda formada por até doze pessoas (duas bailarinas, quatro cantores, três metais, guitarra, teclado e baterista). A maioria dos eventos acontece pelo Rio de Janeiro mas tocamos também fora do estado e fora do país.

Por ter também cargo de administração na banda, o pensamento em relação a arte se tornou um pouco comercial. Hoje, muito mais do que há sete anos atrás, penso na escolha de um repertório não apenas para agradar a mim ou a um determinado público, mas para alcançar todos ao redor. Procuro cativar e impressionar os passantes, as crianças, os idosos, os tímidos e os que gostam de dançar. Tenho como objetivo a interação constante e dinâmica com quem está para o outro lado do palco.

Diante desta vontade, decidimos subir degraus maiores e, literalmente, embarcar em uma carreira internacional. Apesar de Xander já ter tido algumas experiências profissionais fora do Brasil, a formação Duo da Banda Certa foi em 2016 para Marella Discovery 1 e em 2018 como quinteto para Marella Discovery 2. Junto a band leader, foi pensado este projeto de cinco peças como uma versão da banda em forma menor mas completa.

Então estávamos formados! A organização da banda com cinco peças foi integrada por Lucas Gossani (Guitarrista, 27 anos), Marcos Tinoko - Kako (Baixista, 36 anos), Elvis Gregório (Baterista, 47 anos), Xander Telles (Tecladista/Band Leader, 49) e Maynah Faria (Vocal Líder, 26). As peças da banda foram escolhidas através de indicações de conhecidos ou experiências anteriores com os mesmos. Elvis já trabalho conosco em Gigs pelo Rio de Janeiro, Lucas estudou comigo por dois anos no Ensino Médio e Marcos é indicação de um guitarrista que já participou da banda.

Para o processo de embarque, participaram todos os membros em momentos diferentes. O procedimento para embarque, além do STCW e do ENG-1, é enviar repertório com média de quatrocentas músicas, release atualizado da banda com informações pessoais de cada integrante e gravar um vídeo promocional onde mostremos músicas de gosto popular internacional.

A feitura deste vídeo exigiu que aprendêssemos doze novas músicas e ensaiássemos em quatro dias. Estes ensaios foram extremamente exaustivos pois os fizemos em pleno janeiro, com quatro dias de sol de quarenta graus. Os mesmos eram realizados no meu terraço localizado na Pavuna, a famosa Lage. Eram litros e litros de água para conseguirmos enfrentar aquele calorão. Sofremos, amigos... Nestes dias, tudo aconteceu. O carro doo baterista foi rebocado, o carro do baixista foi roubado, minha mãe passou mal, entre outros pequenos problemas cotidianos.

Tivemos um custo de cerca mil e quinhentos reais com aluguel de estúdio, iluminação, sonorização e profissional fotógrafo/cenógrafo para melhor qualidade de filmagem. Nos foi aconselhado que todos os vídeos com este propósito fossem gravados em câmera direta (sem corte de imagem) e que estivéssemos vestidos de acordo com a música a ser tocada.

Após quinze dias de edição de áudio e vídeo, o material foi enviado para a empresa para que acertássemos as datas e valores. Alguns dias depois já tínhamos resolvido todos os detalhes e confirmações para a ida. Embarcaríamos no dia 28 de março e finalizaríamos contrato no dia 21 de setembro. Uma das exigências pedidas foi que não houvesse extensão de contrato pois bem como vi na experiência anterior, existe uma clausula chamada de '30 dias a mais ou a menos'² (30 more or less days).

A organização e feitura deste material foram concomitantes a minha ida para as salas de aula. Sempre trabalhei como professora de artes. No momento deste processo estava dando aula para crianças de 1 a 7 anos na escola Soninho em Nova Friburgo. Lá era a Tia Maynah, professora de música e inglês. Estávamos em fim de ano, por isso, os ensaios aconteciam com as crianças e com a banda ao

² A condição confirma que caso não seja decidido pela banda estender sua estadia a bordo por até mais um mês, a empresa tem direito de nos dispensar até trinta dias antes da data assinada se não aceitarmos a extensão.

mesmo tempo. Durante o início da semana, ficava no Rio e ensaiava com os meninos, Já às quintas e sextas, dava aula e ensaiava com os pequenos de 13h às 17h.

Sempre adorei dar aula e trazer artifícios como instrumentos musicais, figurinos ou até fantoches para acelerar o processo de aprendizagem das crianças. No momento em que decidi viajar novamente, trabalhei duro com as crianças com a intenção de que meu trabalho realmente ficasse marcado positivamente para eles. Queria que aquele momento de fim de ano fosse divertido e especial para cada um.

Já no fim do ano, quando sabia da latente possibilidade da viagem, já comecei a negociação com a escola para saber o que era possível ser feito para não perder o vínculo. Eles totalmente me entenderam a provável oferta e disseram que eu realmente deveria ir pois não é a todo momento que podemos aceitar chances como estas. O acordo feito era que caso não acontecesse a viagem, poderia voltar a escola no ano seguinte para continuar as aulas como o normal.

Como dava aula para todas as turmas da escola, a festinha de fim de ano foi repleta de amor. Muitos pais me agradeceram pelo ano maravilhoso e me fizeram ofertas de aulas particulares para seus filhos. Infelizmente não pude aceitar nenhum pois a carga de compromissos com o futuro trabalho era extensa.

A viagem então foi fechada e os dias que restavam a nós antes de ir para o navio foram de ensaios para aumentar o repertório, organização de figurino (uniformes, roupas de gala, etc.) e de tempo ao lado da família que ficamos longe por seis meses. Estes últimos dias foram bem difíceis pois minha mãe estava doente, então assim como no outro contrato, fiquei preocupada de vê-la em qualquer tipo de situação delicada em relação a sua saúde.

Com o coração na mão e toda determinação do mundo para iniciar nosso trabalho, começamos nossa jornada no dia vinte e seis de abril pegando um voo de duas conexões e uma noite dormindo na Jamaica até chegarmos no navio. A viagem de ida foi extremamente cansativa e estressante.

Finalmente chegamos ao navio e o trabalho começou. A princípio cheguei como a porta-voz da banda pois o inglês do Band Leader era de 60%. Além disso, tinha inglês fluente e a experiência de uma outra temporada na mesma empresa. Ali me chamavam de mãe da banda. Tive que cuidar para todos de questões iniciais

relativas a abertura de contas para consumo no navio, cursos de salvamento, cartão de liberação para entrada e saída a bordo, além de organização e comunicação para as passagens de som.

A banda precisou fazer passagem de som em todos os ambientes do navio. Cada navio funcionava de acordo com o que o Diretor de Cruzeiro exigisse para seus contratados. Como éramos banda de cinco peças, tocaríamos em todos os ambientes do navio, exceto os espaços pequenos destinados a duos e trios. Tocamos por seis meses no deck da piscina, no Venue (ambiente de game shows-local que estávamos na maioria das noites) e Live room (ambiente com música ao vivo a todo tempo).

Cada ambiente do navio permitia-nos tocar um distinto repertório (Anexo 1). Antes de viajarmos nos preparamos para executar repertórios a partir de blocos. Preparamos blocos de reggae, de músicas dançantes, flash backs e clássicos. Estes blocos eram realizados em ambientes diversos do navio pois cada um dos lugares tinha público diferente com os mais diversos gostos e idades.

Além dos sets principais listados acima, fazíamos em média uma vez por semana alguns blocos temáticos. Este foi um dos diferenciais da banda no momento da contratação. Estávamos preparados para fazer sets com conteúdo musical latino, hits dos anos 2000, temas de cinema, românticos, Beatles, sucessos do rock dos anos 80, entre outros. A banda era versátil e estava pronta para adaptar-se facilmente aos ambientes requisitados.

Um dos pontos em que a banda sobressaía comparada às outras existentes a bordo era em relação aos uniformes (Anexo 2). Eu e o Band Leader nos responsabilizamos em fazer cinco tipos diferentes de uniformes com as cores amarela, branca, verde e laranja. Os uniformes continham alguns dizeres de amizade e música além da logomarca da banda e as posições de cada componente.

Fiz muitos dos meus figurinos então neste quesito, a banda era extremamente elogiada pois mostrávamos organização e limpeza. Em média uma hora antes de cada show, ligava para a cabine de cada um ou deixava um recado em papel na porta dizendo as possíveis cores que poderíamos usar no dia.

Fomos extremamente preparados para qualquer tipo de situação. Todos os meninos cortavam seus próprios cabelos e barbas, além de investirem grande parte

do salário em figurinos de cores similares. Além dos uniformes que fizemos para tocar na piscina, tínhamos figurinos específicos para noites de gala (Smockings e vestidos longos desenhados por mim) e sets temáticos (Beatles-todos de preto/branco com gravata preta, Anos 70-Roupas fluorescentes ou coloridas, entre outros). Estes figurinos (Anexo 3) foram pensados com calma e receio pois somos de outro país e nem sempre o que é tendência onde vivemos é também em outros países.

Por mais que cada um tivesse sua função na banda, eu e Xander Telles procurávamos colocar no trabalho como prioridade a atenção devida para os cinco membros com a intenção de obtermos sucesso. É difícil trabalhar com pessoas que pensam diferente, por este motivo procuramos encontrar objetivos iguais para que nos uníssemos e nos fortificássemos a partir disto.

Empresas são formadas por pessoas, e o expediente só segue tranquilamente se essas pessoas interagirem em prol de um bem comum. O funcionamento de um negócio depende do bom desempenho das equipes que o compõem e, entre vários fatores que movem essas equipes, um dos principais é a motivação. MARQUES(2018)

Nos preocupamos em incentivar nossos colegas de trabalho já que estávamos a frente desta empreitada e tínhamos maior responsabilidade sobre toda e qualquer atitude tomada na banda. Eu e Xander procuramos enaltecer valores a fim de aumentar a produtividade da banda em quesitos profissionais e pessoais. Gostaríamos que todos estivessem prontos ali para ajudar um ao outro em qualquer tipo de situação.

Antes de sair do Brasil, fizemos inúmeras reuniões com pontos importantes sobre a banda e o trabalho fora do país. Apesar de impressionados com a nova chance, pareceram entender em um primeiro momento a importância da hierarquia no trabalho, da organização na vida profissional e boas maneiras a bordo. Tentamos fazê-los entender a partir das experiências anteriores que tivemos o quanto é importante valorizar a posição e ambiente que estamos pois não foi fácil chegar até lá. Quem teve maior esforço e empenho para que isto tudo acontecesse a eles fomos eu e o Band Leader que fechamos todo o contrato e, no momento da escolha da banda, valorizamos suas qualidades pessoais/profissionais.

Procuramos mostra-los que em qualquer tipo de situação estaríamos lá para sanar dúvidas profissionais estaríamos de prontidão como amigos se quisessem conversar ou desabafar. Dissemos que trabalhar longe da família não é tarefa fácil pois grande força que todos na banda tínhamos era vinda de casa. Deixamos as facilidades, dificuldades, empecilhos e regras extremamente claros para que não houvesse nenhum tipo de desentendimento em relação a isto na banda. Nossa intenção era de deixar todos bastante confortáveis em suas posições no trabalho com o grupo e no navio.

Penso que estes avisos e pequenos conselhos eram de nossa obrigação, já que conhecíamos a maneira com que a empresa trabalhava e gostava que seus funcionários se portassem. Sabíamos do interesse deles em nos manter como peça chave da empresa quando precisassem de uma banda de cinco peças com urgência, por isto, Xander e eu deixamos os meninos a par de tudo.

Apesar do nome Banda Certa existir há sete anos, preocupava-me em mostrar para os contratantes a bordo nossa interação e dinamismo. Queria que vissem em primeiro plano nossa desenvoltura no palco atrelada ao entrosamento que a banda estava construindo. Penso que estes quesitos mostram ao público naturalidade e pertencimento ao palco. Para que tudo corresse bem era importante que estivéssemos bem em todos os aspectos.

Todos tínhamos propósito de fazer dinheiro nesta temporada e de expandir nossos limites como músicos e cidadãos do mundo. Todos tinham este pensamento em igual escala. Alguns deles, que nunca tinha saído do Brasil, estavam muito ansiosos e agitados pela oportunidade que estavam tendo de conhecer um universo totalmente diferente dos seus. Estes sentimentos compartilhados fizeram o trabalho caminhar como deveria. Com rapidez e animo.

2.2. CORPO E VOZ

Basicamente posso afirmar que aprendi a usar minha voz com disciplina no primeiro contrato com a mesma companhia em 2016. Trabalhar diariamente com a voz não é tarefa fácil pois nossas cordas vocais são músculos auxiliares para a

execução do canto. Caso não usadas, repousadas ou reparadas corretamente, elas falham. Em meu primeiro contrato, após extremos estresses em casa e a bordo, fiquei quatro dias afônica. Não conseguia falar, muito menos cantar. Xander, que era minha dupla nessa experiência (como na maioria das vezes), teve que fazer sets instrumentais sozinho até que eu me recuperasse.

Concordo que:

A distensão da corda vocal é percebida quando o problema se agrava. Profissionais que usam a voz como ferramenta de trabalho ou que gritam com frequência, encontram-se em risco, bem como pessoas que trabalham em ambientes barulhentos e precisam elevar o tom de voz para se comunicar. MONTEIRO E FERREIRA(2011)

Monteiro e Ferreira(2011) observam rapidamente o motivo pelo qual ocorre a distensão de cordas vocais. O meu caso em 2016 foi exatamente como este. Fiz mal uso de meu equipamento de trabalho, se é que me entendem...

Este se tornou um dos meus grandes medos nesta temporada pois sabia que sofreria alguns tipos de estresse naturalmente e que poderia não conseguir descansar muito bem. Já ouvi cantores falarem de experiências absurdas sobre isso. Tive exemplos como pessoas que cuspiram b9lhas de sangue ou que nunca mais recuperaram suas vozes por conta de lesões nas cordas vocais. Não sei se são as famosas lendas sobre voz, mas procurei não me informar afundo sobre isso para não me assustar com informações que pudessem ser erradas.

Na primeira experiência a bordo, tive muita vontade de mostrar exatamente o que sabia e o que podia fazer com minha voz para exaltar minhas habilidades. Nas primeiras semanas realizei excelentes sets para o público pois mostrei o máximo potencial vocal e impressionei aos contratantes³ que estavam tendo o primeiro contato com o trabalho da banda.

Depois deste mês e após o primeiro contato, insisti em cantar com mesmo desenvolvimento e força causando assim um cansaço em minhas cordas vocais. Além da insistência em exagerar com a voz, acordava cedo com a intenção de

³ O navio estava em fase de inauguração, por este motivo, constantemente haviam responsáveis da Peel Talent ou da TUI/Marella no local para assistirem aos nossos shows.

aproveitar os portos onde parávamos, passava todo o dia na rua com alimentação desregrada e bebia alguns drinks, Tinha uma rotina irregular que permitiu-me ficar doente com facilidade.

Já no segundo contrato, apesar de todo estresse, trouxe da experiência passada, sabedoria suficiente para conduzir uma nova e saudável rotina. Aprendi em primeiro lugar que não é necessário utilizar a voz em alto nível emissor a todo momento. Posso usar técnicas como falsete com frequência além de não cantar tão alto. Eduquei minha voz em relação a técnica e volume emitindo-a com educação para os que a escutam e para mim que a usa.

Esta boa educação vocal serviu também para os técnicos de som que eram responsáveis pelos ambientes onde tocava. Depois do primeiro contrato, passei a saber como dinamizar o uso do microfone de acordo com a emissão de notas graves e agudas. Essa dinâmica me permitia cantar no volume que era necessário a mim para emitir as notas com firmeza sem interferir no som externo (para além do palco).

Do que tange o corpo, detentor de todo e qualquer movimento que faço, realizei escolhas e abri mão de mimos que achava desnecessários a ele para que conseguisse uma melhor qualidade de vida a bordo. Ao longo da temporada, tive problemas no joelho e nas partes cervical e lombar da coluna. Passei seis meses usando saltos altos de, no mínimo, dez centímetros cada e caminhando por grande parte do dia (afim de encontrar novos destinos nos famosos portos da Europa).

Para organizar-me em ter uma vida saudável a bordo, adquiri hábitos diários, tais como:

1. Beber bastante água afinal estava passando por meu segundo verão em 2018)
2. Dormir oito horas diárias (geralmente de uma às nove da manhã)
3. Ir à academia seis dias na semana
4. Alimentar-me bem e fazer, no mínimo, cinco refeições diárias
5. Fazer gargarejo de água morna, sal e gengibre
6. Fazer compressas de gelo nos joelhos após os shows
7. Sair sempre de tênis adequados para caminhada

Dentre estas atividades, permiti-me testar e aderir a novos costumes, além dos acima que são os mesmos que faço quando estou em casa. Já que estava em um ambiente onde existiam mais ou menos cinquenta culturas diferentes que deveria me adequar, adequiei-me também a aquilo que pensava ser correto e, por gosto ou por resistência, não seguia.

Estas situações de adaptação repetiram-se algumas vezes comigo e com pessoas próximas a mim no navio. Meu Band Leader nunca frequentou a academia mas viu extrema melhora após duas semanas seguidas exercitando-se. Manteve este hábito em casa após sua chegada e me agradece sempre por tê-lo incentivado. Os meninos da banda que também não tinham hábito de malhar, aderiram a esta prática e ficaram orgulhosos com o resultado. Dois deles perderam a bordo oito quilos cada após reeducação alimentar e frequência na academia.

Como auxiliar para o cuidado com corpo e voz a bordo, trouxe de casa pílulas de alho (os famosos antibióticos naturais) e complexos vitamínicos que ajudavam também no fortalecimento de cabelos e unhas. Tomava estes comprimidos uma vez por dia todos os dias sem falta e os mesmos, aliados a boa alimentação e exercícios físicos fizeram com que eu não ficasse resfriada ou afônica em nenhum momento da temporada.

Uma dificuldade que tive na temporada passada e aprendi nesta foi em relação aos cuidados com o cabelo. No navio, onde a maioria dos funcionários era branca, roubava a atenção quando chegava nos ambientes com meu cabelo cacheado. As mulheres negras a bordo usavam apliques ou perucas e eu, que tenho cabelo volumoso e natural, virava sempre uma atração. Lembro-me de estar em elevadores ou restaurantes e alguma mulher bem branca ou com o cabelo liso passar por mim e pedir para colocar as mãos em meus cabelos. Achava aquela cena muito engraçada pois elas tocavam na minha cabeça como se tivessem tocando em um poodle que fosse mordê-las. Quando elas tiravam a mão, puxava meu cabelo levemente para provar a elas que era natural. Estas situações eram sempre motivo de muita risada.

Apesar de saber que iria para Grécia, (local onde habitam muitas mulheres com cabelo cacheado) preferi trazer todos os meus produtos de cuidado com o cabelo de casa. Podem rir! Levei em média oito quilos de cremes para a

manutenção dos meus cachos para a viagem. No navio, como já falei anteriormente, a água própria para banho é desalinhada, por este motivo, lavar o cabelo semanalmente com o sal que ainda resta nesta água era extremamente nocivo para ele. Levei cremes para hidratar, shampoos específicos com óleos e cada compra de cosméticos que fazia continha um potinho de creme especial para tratamento de cabelos.

2.3. *PERFORMANCE*

Quando penso na palavra Performance, consigo aplica-la a tudo que vive, que move-se sozinho ou com auxilio natural ou que promove ação com expectativa de observação alheia. Performances nos atravessam a todo tempo na natureza e no cotidiano. Considero o crescimento humano uma performance assim como uma flor movimentando-se com a ajuda do vento ou um ovo sendo frito. A performance pode também referir-se ao meio comportamental ou profissional. Observando por este viés, a performance adequa-se aos padrões de desempenho do ser.

Analiso a etimologia da palavra igualmente ao seu significado, o momento no qual Performance se diferencia entre estes dois âmbitos é no instante em que se aplica. O termo é usado em maioria para indicar atitudes de indagação ou resposta a algo. Quem realiza seguintes ações é denominado performer.

Segundo Schechner (2003):

Na arte, o performer é aquele que atua num show, num espetáculo de teatro, dança ou música. Na vida cotidiana performer é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que a assistem.

O performer de arte é aquele que se permite expor ideias através de linguagem representativa cênica. Não são só apenas atores ou bailarinos que empregam voz e corpo em cena, mas artistas que criam o cenário de exposição para a ideia em foco. Exemplos destes são artistas plásticos, músicos e escritores.

A performance permite que o ser se sinta livre para enaltecer sentimento como forma de expressão artística. O performer tem autonomia para infiltrar em sua performance traços de sua identidade, já que, mesmo quando não requisitada, faz parte do indivíduo. Cada performer tem um corpo e este fragmento que é singular a cada um tem intenções e referências de movimento totalmente diferentes.

As performances necessitam de espaços para que aconteçam. Podem ser mais elaboradas com cenários e grandes palcos, podem acontecer em salas de aula ou pelas ruas. Existem performances que usam seus espaços como referências ao tema proposto e outras que podem acontecer em qualquer tipo de ambiente. Existem performances como óperas que duram horas, existem as que duram anos, como pinturas, assim como as que não duram nem menos de um minuto como um breve sorriso.

As razões para estas performances são as mais inexplicáveis possíveis e, pensando para além de quem as executa, me refiro neste instante, aos que recebem. Muitas das performances citadas acima são realizadas com intuito de alcançar a expectativa e reação de quem as assiste. Algumas obras performáticas são executadas com intuito de reflexão do ser e podem servir para influencia em decisões pessoais e profissionais.

Vejo performances e performers todos os dias. Vezes como arte, vezes como vida. O simples fato de podermos acessar a este universo pelos simples atos cotidianos a vida é fantástico. A performance é porta de entrada para expressão, tipicidade, excentricidade e especificidade do ser, por este motivo, deve ser valorizada enquanto vida e arte.

Quando falo de performances da banda penso para além do que os espectadores veem no palco. O mesmo se repete quando assisto a algum outro grupo. Penso nas referências que cada integrante do trabalho tem, penso na maneira com que essas pessoas podem fazer seus talentos sobressaírem, penso em repertório e na parte estética, é claro. A performance a bordo tem suas complexidades pois a cada dia somos um ser diferente e temos que nos resignificar no palco.

Minhas referências são meus pais, primeiramente. São professores e artistas e sempre levaram a vida transitando entre as duas áreas. Meu pai é professor e músico e muitas das vezes ao longo de sua vida teve remuneração maior como performer do que como docente. Já minha mãe trabalhou alguns anos como atriz em espetáculos infantis mas remunerou-se melhor como professora. Procuro ter os dois como referência pois sempre me serviram de exemplo como pessoas e como profissionais.

Também sou professora além de cantora então minha relação com a performance passeia entre sala de aula e palco. Pesquisei um pouco em minha graduação sobre essa relação e concluí que faço uso de minhas técnicas corporais e vocais tanto na sala de aula como no palco. Além disso, não dissocio as artes que tenho como apenas uma disciplina. Se dou aula de dança, não consigo deixar as técnicas de música que aprendi de lado. Faço aulas com temas específicos em que eu possa, de maneira informal, trazer outros parâmetros e processos para meus alunos. Aproprio-me de Dança, Artes Cênicas e Música em benefício do exercício de professor. Acredito que isso seja uma forma de interdisciplinaridade enriquecedora para meus alunos.

Da mesma maneira que realizo técnicas para performance de palco na sala de aula, utilizo um pouco da minha versão professora nos shows. Para a comunicação é necessário ser clara e prática como sou como professora, procuro dar atenção a cada pessoa que me assiste no momento do show, antes ou depois, organizar-me com os eventos da banda a bordo, entre outras coisas.

Como seguinte referência tenho Xander Telles que me ensinou muito do que eu sei sobre estar em um palco hoje. Ensinou-me os limites do improviso vocal, sobre suas percepções de figurino, áudio e vídeo, escolha de repertório e interação com público. Apesar de nunca ter estado na linha de frente da Banda Certa, é ele quem consegue visualizar a organização da banda em todos estes quesitos.

Segundo a lista de referências cito agora artistas favoritos que permitiram-me criar meu gestual, meu timbre e meu visual. A tabela vai de Beyoncé a Djavan, passeio pela música mineira e pop internacional além da bossa nova e do Rhythm & Blues. Este processo foi uma grande salada mista do que eu ouvi quando criança,

do que aprendi a ouvir em busca de uma boa educação musical e do que comecei a ouvir desde que comecei a trabalhar como cantora.

Percebe-se com estes comentários que trouxe minhas inspirações do que era próximo ao que era distante de mim. Fiz muitas pesquisas, muitos estudos e reflexões sobre o que eu queria ser como artista e o que eu pensava ser correto apresentar às pessoas. Em minhas referências criei uma maneira na qual pudesse mesclar o que eu sou como pessoa com o que sou como cantora. Acredito estar também em eterna transição adaptando-me às novas condições corporais, vocais e psicológicas.

Procuro trabalhar com a banda em todo instante as questões de enaltecimento do artista. Cada um neste trabalho teve suas inspirações assim como tem na vida. Acredito que um grande potencial que tínhamos no grupo era também o fato de todos serem extremamente diferentes. Não parecíamos fisicamente muito menos nossas personalidades. Esta característica fez com que pudéssemos organizar o trabalho enaltecendo as qualidades de cada um.

Eu e Xander (que estávamos a frente de tudo) gostávamos muito quando algum deles propunha um solo distinto a música. Pensávamos que neste momento era importante mostrarem para o público suas identidades, referenciais e o melhor que poderiam ser para quem os assistiam. Neste mesmo trabalho de incentivo, estimulamos o baixista e o baterista e cantarem algumas músicas do repertório. Além de obviamente aliviar as gargantas dos dois vocalistas, a banda torna-se ainda mais completa com duas vozes a mais. Em um bloco onde geralmente tocávamos de sete a dez músicas, se os back vocals (vocais de fundo ou segundas vozes) virassem vocais principais, eu cantaria duas ou três canções no máximo. Adorava quando isso acontecia. Era um alívio!

O processo para que eles cantassem não foi rápido mas também não foi difícil. Pela dificuldade com o inglês, ficavam preocupados em saber que poderiam errar, mas eu e Xander procurávamos incentivá-los a qualquer custo. O mesmo pode ser dito sobre as coreografias que fazíamos em algumas canções. Nenhum dos quatro outros integrantes da banda dançaram antes desse projeto mas sei que graças ao meu incentivo se sentiram bem para se entregarem nesse pequeno desafio.

A escolha destas músicas interfere sempre na maneira como a performance vai ocorrer. Se uma música é lenta, a chegada ao palco é um pouco mais íntima, com presença e charme. Se a música é animada, geralmente já estamos em posições para início de uma dança, por este motivo, temos que ficar atentos ao corpo que se apresentará ali. Para todos os gêneros tocados tinha que preocupar-me com esse ataque corporal já que queria emitir notas perfeitas sem nenhum tipo de trepidação.

Nossos shows iniciavam-se com pouco público quando tocávamos no ambiente que era destinado aos jogos, por isso, fazíamos sempre um set instrumental onde os passageiros assistiam sentados e eu não participava. Por solidariedade e profissionalismo, me arrumava e estava com os meninos sempre antes destes blocos. Os sets eram formados apenas com músicas em melodia sem nenhum tipo de letra. No instante em que as cortinas do palco se abriam e anunciavam a banda, eu nos apresentava dando boa noite, dizia ao público que aquele seria um set de músicas instrumentais e saía do palco. Sentava geralmente em frente a eles, próxima ao palco, porque caso algo acontecesse, estaria ali.

Este era o momento em que eu observava cada um dos quatro, principalmente suas relações de corpo e palco. Todos ficavam muito acanhados ali. Diziam que em alguns momentos se sentiam nus por não me terem ali por perto. Acho que se sentiam seguros na banda em relação a minha performance e não faziam nada demais, mas quando eu saía, o palco não ficava tão “cheio” como antes. Seus corpos eram quase que estáticos e só mexias seus dedos e bocas. O que mais se mexia era o baterista que tinha que bater em suas caixas e pratos com desenvoltura.

Eu gosto de me movimentar e preencher cada pedaço vazio no palco. Meu corpo está ali para isso, para impor, apresentar e significar. Quando estou no palco, quero estar de corpo e alma, quero que me vejam, que fiquem interessados. Já os meninos, se preocupavam muito com a técnica em seus instrumentos e pouco com a imponência em estarem ali.

Nosso corpo é instrumento de trabalho quando está em performance então gosto de incorporar um personagem a cada música, independente de como ou qual seja. O repertório neste quesito deve ser organizado para significar para mim que

estou interpretando e também para quem assiste. Preciso passar minha verdade adiante.

No caso dos Cruzeiros Prata, oferecidos pelas armadoras Costa, MSC e Royal Caribbean, ou Prata alla Italiana, geralmente mais procurado por viajantes em idade madura, o diretor artístico costuma aproximar alguma parte do repertório ao que corresponde aos países a serem visitados, com ênfase à Itália das décadas de 1960-1970, não somente pelo fato de que a maioria das armadoras que permanecem na costa brasileira têm origem italiana mas, sobretudo, porque os frequentadores apreciaram esse repertório nos seus anos de juventude. Rememorar-los, cantar junto essas peças traz a uma alegria nostálgica... Como VALENTE (Pagina 8, 2018)

Confesso que talvez pelo fato de ter vinte e seis anos, não seja a maior apreciadora da seleção de músicas feitas para esta temporada mas a performance da Banda Certa baseia-se totalmente neste pressuposto. Fazemos com que nossa performance seja atrativa para o público independente de nossas preferencias pessoais. Estaremos sempre ali a disposição de quem nos vê pois eles são os reais Band Leaders. Se não gostarem do que apresentamos, não faz sentido nenhum estar no palco.

Uma das lições mais importantes que aprendi com Xander foi a de entender que nem sempre temos que tocar músicas que gostamos. Lembro com muita clareza de uma das primeiras ligações que ele fez pra mim e falamos sobre esse assunto. Tive que tirar mais ou menos cento e cinquenta músicas para começar a trabalhar com ele e não concordei de primeira. Depois de horas ao telefone, ele me explicou que podemos fazer equilíbrio entre nossas preferencias e outras músicas, mas o principal objetivo é apresentar trabalho que o público deseja. Diante deste motivo, resolvi me preparar para qualquer tipo de público com qualquer gosto e qualquer idade.

Gostaria de trazer agora com muito cuidado a questão visual na performance. É fato que o que vemos nos faz tomar alguns tipos de atitude como por exemplo comprar ou não um produto ou nos interessar por comer ou não um alimento específico. O que vemos é por muitas vezes nosso desejo e sem este sentido, é muito mais prático e sensível o processo musical numa banda. Como temos que

nos preocupar com isto, entram no quesito visual cuidados com o ambiente que trabalhamos, equipamentos, comportamento em palco e, é claro, aparência.

Os instrumentos que a banda usava a bordo eram em maioria próprios. Cada um trouxe de casa seu instrumento específico (guitarra, baixo, teclado, microfone e pratos de bateria). Já os auxiliares, como cabos e estantes, eram providos pela companhia. Todos estes equipamentos deveriam ser cuidados com toda preocupação, já que, mesmo que todos não fossem nossos, sabíamos que iríamos usar por seis meses.

Nem sempre era assim com os equipamentos que eram trazidos de casa e deveriam ter máximo cuidado. No início do contrato, Lucas ficou um mês e meio sem cordas de guitarra. Este desleixo era inaceitável já que é o principal meio de trabalho dele no navio. Penso que deveria ter se preocupado em trazer conjuntos de corda de casa, mas o guitarrista justificou-se dizendo que tinha certeza que encontraria estes conjuntos de corda mais baratos fora do país. Neste um mês e meio, rodamos incessantemente atrás de lojas de instrumentos musicais pela América Central e por parte da Europa, mas Lucas demorou até quase o último segundo devida útil das cordas usáveis para conseguir novas.

A banda e os técnicos eram extremamente atentos à limpeza no palco. Não digo limpeza por acúmulo de lixo, mas sim limpeza visual, aquela em que permite que os instrumentos estejam devidamente cabeados e não fiquem espalhados pelo chão. Os cabos eram escondidos, colados às paredes ou cantos do palco para que os que assistissem não vissem nenhum tipo de aglomerado de fios.

Por já termos tido essa experiência, Xander e eu sabíamos da preocupação da empresa em manter o palco limpo. Alguns dos meninos não tinham esse entendimento, então como acordado e dito anteriormente, estávamos ali para ajudá-los e auxiliá-los no que podíamos. Quando percebíamos que alguém precisava de ajuda, estávamos sempre ali para ajudar, assim como aconteceu uma vez em que Kako não tinha uma estante para apoiar seu baixo no palco e então Xander comprou uma de presente para ele. Estes pequenos atos faziam com que a banda trabalhasse em prol de uma boa performance.

Sobre aparência física, afirmo que não poderíamos mostrar demais ou de menos. Procurei não usar fendas e decotes extremamente provocantes assim como

os meninos não podiam usar bermudas no palco ou camisas abertas. Este processo e discernimento para escolha me proporcionou elogios pela dedicação e atenção que demos a este ponto.

A questão visual interfere também na performance da banda de acordo com o que o público vê. A interação de palco faz parte do assunto visual pois é possível denominar o estilo de uma banda de acordo com as atitudes tomadas por ela em um espetáculo.

Sobre a interação com a banda, vai desde se movimentarem no mesmo ritmo (preferencialmente, claro, o da música) até aquelas pequenas coisas que surgem depois de muito ensaio e conhecimento mútuo, como os olhares que se trocam antes da entrada de diferentes partes da música ou aquele olhar de aprovação de um membro para o outro após uma música mais difícil ou que a banda goste mais de tocar.

Assim como afirma Heyerdahl(2012), concordo que a interação com a banda é importante para que no momento da performance exista natureza e verdade ao tocar. Em meio aos ensaios propus gestos e charmes propositais nas músicas para que conseguíssemos alcançar o gosto com mais facilidade do público com carisma.

O público... Ah, este público era de dar trabalho! Aqui no Brasil, onde temos o costume de tocar, sabemos que as pessoas gritam, cantam junto e vibram com cada pequena parte de nossa apresentação. Lá não era bem assim. Os ingleses entendem o ato de “ter respeito” pelo músico por ouvir, cantar baixinho e aplaudir bem alto no fim da última nota de cada música.

Este público era formado por senhoras e senhores já na terceira idade que passavam as vezes duas semanas a bordo do navio sem sequer sair nenhum dia. Estes idosos são clientes da TUI/Marella por anos, em razão disso, já conhecem de cor e salteado cada porto que os navios param. Este ato faz dos passageiros moradores do navio por uma ou duas semanas. Para pessoas idosas ter tudo bem próximo a eles sem que façam esforço é excelente, então estes passageiros passam seus dias bebendo, jogando, dormindo e se entretendo com o melhor que a companhia os possa dar.

Para os funcionários não é tarefa tão fácil já que cada dia por duas semanas temos a responsabilidade de apresentar algo novo a estas pessoas. É primordial lembrar também que os funcionários⁴ que passam seis, oito ou doze meses a bordo também querer se distrair em suas folgas, então estão por perto para assistir-nos. Todas estas pessoas têm enorme poder de crítica pois estão pagando por nosso trabalho ou são, em maioria, do mesmo departamento que estamos. Nosso intuito é apenas conseguir fazer com que todos fiquem felizes com nosso trabalho, mesmo que a mesma música seja tocada vinte vezes em quatorze dias, as transmitiremos com o máximo carinho e dedicação no momento da performance.

Acrescentamos que também as lembranças de paisagens sonoras e musicais se agreguem ao somatório de lembranças memoráveis. Os cruzeiros marítimos oferecem paisagens sonoras não raro consecutivas e simultâneas, fazendo soar diferentes repertórios, performances e plateias, que variam de acordo com o local e o horário. De outra parte, esses mesmos receptores se igualam à medida que usufruem (d)o mesmo repertório. Nos cruzeiros temáticos, evocam-se os “cartões postais sonoros” das localidades evocadas. No geral, tais cartões postais sonoros se mesclam a uma paisagem sonora fabricada, a partir de uma seleção de repertório pré-selecionado¹¹; orientado por uma estética inusitada, que não corresponde nem à paisagem sonora e musical contemporânea, nem à antiga, das cidades visitadas VALENTE (Página 7, 2018)

Queremos que o tempo de cada passageiro a bordo seja especial desde o instante em que ele é recepcionado até o ultimo dia quando entra no avião para ir embora. Penso nos pequenos e únicos momentos para as famílias e casais. Penso em um brinde, em uma memória do casamento, num caminho na sacada do ambiente onde estou estocando unidas a uma bela vista e um bom drink.

Estas lembranças fazem com que as pessoas aproximem-se da banda e agradeçam por um momento de emoção ou de felicidade. Já deparei-me com algumas senhoras chorando após nosso set temático Divas. Muitas delas ouviram

⁴ Os funcionários que nos assistiam eram apenas os do entretenimento, lojas e marinheiros. Apenas estes três departamentos tinham direito a frequentar áreas de passageiros após horário de trabalho.

estas canções de amor em momentos felizes e as fizeram lembrar grandes momentos de suas vidas.

Percebo a performance a partir destes detalhes que fazem da presença e emoção do artista um grande show. Procurei doar-me em seis meses para cada pessoa que passou por mim naquele navio. As vezes não só no palco pois, como trabalhamos onde moramos, temos que estar vinte e quatro horas por dia em posição de trabalho. Por este motivo, doei meus melhores abraços e sorrisos aos passageiros que também fizeram minha temporada especial. Sou eternamente grata a estas pessoas...

3. MATURIDADE DA PERFORMANCE E CRISE PESSOAL

3.1. *UM MÊS DE TRABALHO*

Em minha primeira temporada carreguei todos os medos possíveis de viajar sozinha pela primeira vez. Apesar de muito já ter rodado por este mundo, poucas vezes fui a trabalho e cada uma delas é especialmente diferente. Em minha primeira temporada estava literalmente crua. Fui com objetivo de aprender sobre vida profissional fora do meu país de origem e como cuidar de mim mesma sozinha. Na segunda temporada, fui demasiadamente segura do que queria e do novo patamar onde iria chegar. Na preparação para a primeira viagem, chorava o tempo todo e só pensava como seria ficar longe dos meus pais e familiares. Nesta viagem, fui confiante de toda decisão tomada anteriormente e muito mais daquelas que iria tomar. Fui disposta a tudo.

Enfim o grande dia do início da segunda temporada! Depois de tanto esforço e dedicação a viagem dos sonhos chegou. Sempre me senti muito realizada por poder trabalhar viajando. É uma grande oportunidade de conhecer além da minha casinha, do meu círculo de amizade e da minha cultura. Sei que nos dias anteriores a esta viagem estava extremamente nervosa e apreensiva por saber que ficaria longe da minha família, mas ao mesmo tempo conquistaria alguma independência financeira e profissional. Quando escolhi fazer esta temporada, preoquei-me com o que deixaria em casa. Na minha cabeça só vinham pai, mãe, irmã, namorado, avô, cachorro, gato...Foi uma decisão extremamente difícil por saber que aqui tinha pessoas que precisavam de mim fisicamente e emocionalmente.

Em 2013, minha mãe, Rosana Faria descobriu que tinha um câncer no intestino e passou por todo procedimento e tratamento para a melhora da doença. Foi um ano e meio entre sessões de quimioterapia e reações aos medicamentos. Descobrimos então que ela estava curada e que só teria que continuar tendo a rotina de fazer seus exames semestrais. Em 2016, descobrimos outros tumores, agora em seu pulmão e fígado. Os tumores eram pequenos e teoricamente fáceis de

sumir, mas não eram de caso operatório pois além de muitos, eram próximos a uma artéria importante.

Fomos todos a nova luta de combater este novo câncer já que sabíamos que era difícil, mas não impossível. Fiz minha primeira temporada em meados de 2016 com essa aflição. Tinha a preocupação de acontecer alguma situação no meio da temporada que pudesse me levar a desistir e voltar para casa para vê-la. Sempre prometi a mim mesma que faria isso independente de qualquer situação que estivesse fora de casa. Quando voltei pra casa, tive muito medo pois sabia que devido ao tratamento ela estaria diferente. Dito e feito. Estava com muito pouco cabelo, não querendo cortar para que não ficasse mais aparente. Tinha também rachaduras nos pés e algumas complicações como glaucoma e dores aleatórias em seu corpo.

Até o fim de 2017 a forma de tratamento para este câncer foi trocada três vezes por falta de eficácia. Foi neste ano em que estive mais ao lado da minha mãe. Cada dia era especial. Cada dia me sentia bem por tentar ajudá-la, por sair com ela e ir ao centro do Rio comprar qualquer coisa relacionada a decoração ou artesanato, coisas que ela adorava. Fazia seus sucos especiais e super fits, a ajudava a cortar alimentos quando cozinhava - e por sinal era excelente cozinheira -, via novelas com ela, enfim, estava lá, presente e feliz.

Tudo isso aconteceu perfeitamente até que meu pai (que estava sozinho um dia no consultório enquanto ela fazia um exame) recebeu discretamente a notícia de que as possibilidades de cura tinham se esgotado. Ele se sentiu na responsabilidade de contar a mim e minha irmã para que nos preparássemos para qualquer tipo de situação difícil.

Após a notícia passamos todas as datas festivas preocupando-nos por talvez ser a última de minha mãe. Quando a viagem aconteceu, não queria ir e chorei demais ao dizê-la pois minha preocupação era que eu fosse e não a encontrasse na volta. Sabia também da minha dependência a ela e a dela a mim já que passei muito tempo deste ano com ela. Sentia-me responsável por esta parte emocional pois a fazia rir, comer, caminhar, entre outras coisas boas para sua saúde. Neste meio período fizemos viagens, celebramos cada segundo da vida dela e da estrutura emocional que esta mulher tão maravilhosa nos trouxe.

Quando chegou a semana de viajar, ela ajudou a fazer minha mala, organizar minhas coisinhas e principalmente minha cabeça para ir já que é necessária muita concentração e foco para ficar enclausurada por seis meses em um navio. Nessa mesma semana vi minha mãe com muitas dores de coluna e tosses. No dia da viagem, ela não quis ir ao aeroporto pois disse que ficaria muito emocionada nesta despedida, então decidi ficar em casa. Fizemos uma reza junto a meu pai e irmã antes de eu partir. Saí chorando de casa e dizendo ao meu pai que pensei que, pelo fato de ser a segunda vez, seria mais fácil.

Rapidamente me recompus e fomos para o aeroporto. Todas as famílias reunidas e um grande remanejamento de malas instrumentos e itens da viagem acontecia no hall do aeroporto. Era um “você ainda tem espaço na sua mala?” daqui ou um “ai, vou sentir tanta saudade de você” daqui. Um momento difícil de distanciamento misturado a tamanha realização profissional por trabalhar fora de casa.

Fui levada ao aeroporto pelo meu pai e namorado recebendo muito boas vibrações e renovando energias para a grande temporada que estava por vir. Até chegarmos ao terminal de embarque éramos a atração do aeroporto. Quatro meninos com cases de instrumentos e eu, com esse cabelão e óculos escuros às onze horas da noite. Quatro de nós só pensava em como seria como chegasse lá, eu e Xander, é claro, com a responsabilidade de levar um novo trabalho agora. O quinto integrante só pensava em como seria andar de avião pois nunca tinha passado por essa experiência.

Estávamos indo para Montego Bay, na Jamaica, e depois de algumas conexões e um dia e algumas horas, conseguimos chegar ao destino. Todos apresentavam fome, cansaço. Só queríamos regularizar as nossas alimentações e rotinas de sono e banho.

Embarcamos! Quem nos recebeu no navio foi o Senhor Martyn Payne, que estava em cargo de Assistente do Diretor de Cruzeiro, mas já em treinamento para se tornar Diretor de Cruzeiro dentro de um mês. Passamos pela imigração e enfim embarcamos pela primeira vez no navio Marella Discovery 2. Após conhecer as instalações do navio rapidamente, fomos almoçar e recebermos as informações

básicas de primeiro dia. Ganhamos nossa primeira escala onde continham horários de passagem de som, horários de treinamento e de entrega de documentação.

Até os primeiros dez dias, o que ocorreu a bordo foi um reconhecimento de espaço. Percebemos as nacionalidades que em maioria vinham do leste europeu, Caribe e Filipinas, além de suas distintas culturas. Fizemos também cursos e avaliações sobre salvamento e segurança a bordo. Pelo grande número de regras, organizávamos conversas e esclarecimentos diários sobre o que poderíamos ou não fazer no navio.

No primeiro momento, tive que me acostumar novamente se chamada pelo meu nome com acentuação diferente. Chamavam-me de *Máina!* Achava muito engraçado pois tentavam de toda forma acentuar a segunda sílaba como falamos em português, mas logo em seguida esqueciam e me chamavam de *Máina* de novo. Meu nome fazia sucesso entre os indianos que dizem ter um pássaro nativo preto e belo com o mesmo nome que o meu. Todas as vezes que me deparava com algum deles, me diziam que tinha o canto tão bonito quanto o deste pássaro.

Referindo-me novamente as adaptações, nossos ensaios aconteciam a todo vapor e aprendíamos em média três novas músicas por dia. Os ensaios aconteciam na minha cabine ou na do Xander, que estava sozinho como eu. Todos tinham as manhãs livres e por volta das 15h reuníamos para começar o som no quarto. Quando os ensaios eram em minha cabine, não tinha grande problema com o som pois meu espaço tinha duas paredes de frente para os corredores e a outra para um casal de vizinhos que eram garçons e trabalhavam pela maior parte do dia.

Todos os dias tínhamos que nos atualizar do que aconteceria no entretenimento naquela noite. As escalas para o grupo do entretenimento localizavam-se próximas ao escritório onde poderíamos resolver questões cotidianas práticas. Estas escalas obtinham informações de horários em que bandas e bailarinos começavam a trabalhar.

Os passageiros recebiam uma escala chamada de Cruise News (ANEXO 4), e nela continha informações sobre outras programações do navio. Este era um livreto que continha também informações básicas sobre movimentação na embarcação e orientações para horários disponíveis para refeições em ambientes específicos no navio.

Chegou o momento do famoso Crossing. Passamos seis dias em alto mar com uma saudade imensa da família e grandes ondas até passarmos do oceano Atlântico para o mar Mediterrâneo. Os meninos da banda nunca tinham feito cruzeiro nem a passeio, então chegar e já passar alguns dias em alto mar não foi tarefa fácil. Tudo correu bem e não esperávamos a hora de chegar na Europa para aproveitar aquele finalzinho de frio da primavera.

Alguns dias depois, já na Europa e próximo a doze de abril, comemoramos o aniversário de Xander em um jantar especial com a banda no restaurante típico de comida italiana. Neste jantar, convidamos Marcos, um técnico de som brasileiro que muito nos auxiliava nas passagens de som e assistência técnicas a bordo. O jantar foi extremamente agradável e saímos de lá por volta das 20h já correndo para trabalhar.

Nesta mesma semana sonhei com minha mãe dizendo-me para voltar para casa. No sonho ela dizia que eu tinha que ficar lá com ela e que só voltaria para o navio se pagassem minha passagem de volta. Tive muitos sonhos com ela nesta época. Eu só pensava nela e no que estava acontecendo no Brasil. Por estes dias, ainda conversava com ela, mas sabia que tinha passado por emergências médicas duas vezes neste o momento. Ouvi dois dias depois deste sonho a voz de uma mulher me chamando. Estava em um corredor onde não havia ninguém além de mim e Xander. Olhamos os dois para trás no mesmo momento e não vimos nada. Aquilo me deixou alerta às minhas questões espirituais já que fico muito mais sensível a isto quando estou longe de casa.

Uma complicação nestas primeiras semanas em relação a isso era meu pai que não queria me atualizar de nada que estava acontecendo aqui. Minha mãe queria muito que eu fosse viajar pois zelava por minha vida profissional e sentia que um dia não estaria mais aqui. Minha irmã era a pessoa que passava todas as informações para mim sem que meu pai soubesse. O provocava de toda forma para que me falasse algo sobre a situação real, mas os estímulos eram em vão. Mesmo sabendo que algumas urgências aconteciam, ele me dizia que tudo estava bem.

Tentando me distrair destes sonhos, notícias difíceis e preocupações, me dedicava totalmente ao trabalho. Me esforçava para tudo aquilo fosse especial para mim e para os meninos. A banda estava realmente animada e cheia de vontade de

mostrar seus talentos. Em todo o primeiro mês todos da banda tocaram com dedicação e afinco para que tivéssemos bons resultados e feedbacks. Eu e o band leader seguíamos fielmente com os incentivos e esforços para que os outros três permanecessem com uma boa autoestima e estrutura emocional.

Os meninos então começaram a sentir-se à vontade para fazer seus improvisos e detalhes nas músicas. Em alguns momentos de músicas pop e de canções mais lentas, o baixista e o baterista colocavam um toque de samba ou jazz para diferenciar o trabalho da banda. Muitos destes detalhes eram demais até, mas sempre concordamos pois achamos que esta é uma forma interessante de motivação no trabalho.

Passávamos por situações de reuniões individuais com cada membro da banda para saber como se sentiam e como poderíamos ajudar a resolver seus problemas. Sempre fizemos questão de perguntar como estavam se sentindo naquele ambiente profissional pois sabíamos que tudo aquilo era muito novo para eles. Além das questões relativas ao trabalho, existiam ainda as frustrações e chateações naturais de cada um.

Um destes dias, Kako, que tem filho e esposa chorou copiosamente por sentir saudade deles. Este colega, que nunca tinha saído nem do Rio de Janeiro, sofreu bastante por estar tão longe de casa e não ter nunca tido este tipo de experiência. O outro, que se mostrou inicialmente muito agradecido, chorava em alguns momentos de descontração da banda e dizia ter realizado um grande sonho.

Por estas pequenas fraquezas, os desentendimentos entre a banda também aconteciam. Muitas vezes, estes aborrecimentos não eram racionais e os envolvidos deixavam a sensibilidade tomar conta da situação. A união da banda é como um casamento. Todos vivem juntos e tem que se adaptar às fragilidades e forças do outro.

De saída preciso reconhecer que a necessidade de trabalhar, da forma como está organizada a maioria dos locais de trabalho, pode ser uma das experiências mais difíceis para as pessoas altamente sensíveis. A pressão dos prazos; os conflitos entre colegas de trabalho; as exigências da chefia; o modelo gerencialista baseado em metas a cumprir, que se tornou comum na maioria das organizações.... Enfim, tudo isso é mais do que suficiente para desequilibrar qualquer pessoa (OLIVEIRA, 2018)

Trabalhar como banda exige algumas das preocupações que todo e qualquer trabalho exige. Nossos coordenadores tinham expectativas sobre nosso trabalho e procurávamos fazer com que nada desse errado na hora do espetáculo. Por volta do dia vinte, já com mais notícias difíceis sobre a vida da minha mãe, o baixista e o baterista resolveram se estranhar novamente. Um pensava ter direito de opinar sobre a forma que o outro tocava, além de achar que poderiam delegar tarefas um ao outro.

Antes da entrada em um set, os dois tiveram uma terrível discussão e a postura de ambos no palco durante a realização do show foi péssima. Ficaram de cara fechada e não se comunicaram. Eu, com todos os problemas que estava em casa, tendo minha mãe entre a vida e a morte, não admitia aquele tipo de comportamento em um trabalho onde não tinha motivos para chatearem-se. Logo após a finalização do set, chamei todos ao backstage e revelei a situação de minha mãe, que até então não tinham porque saberem. Penso que todos temos problemas e não podemos deixar estes tipos de situações pessoais interferirem no trabalho. Avisei a todos que nenhum tipo de diferença na vida nos dá direito de chegar no palco e não dar um sorriso. O público ali não tem nada a ver com nossos problemas e pagaram para que prestássemos nosso trabalho com excelência. Acho que neste dia, os meninos ficaram tão chocados com minha reação e minha notícia que nunca mais até o fim do contrato deixaram de sorrir no palco.

Estar feliz no palco é um método de trabalho que utilizo desde 2011. São os personagens que encaramos em cada show ao longo da vida, se preciso ser feliz, sou, se preciso ser sexy, sou, se preciso ser romântica, sou. São os desafios que temos no palco e nada disso tem a ver com vida pessoal. Nada me tira da cabeça que trouxe a banda para o navio para mostrar talento e profissionalismo. Não ia aceitar dois homens maduros alterando o curso do foco do trabalho. Penso que fiz a escolha correta como assistente do Band Leader.

Foi uma grande surpresa para eles me ver passando por aquilo com tamanha força. Eles não esperavam que eu fosse tão durona (sei que toda mulher sabe o que digo, não é? Aqueles resquícios machistas). Enquanto um chorava e outros brigavam, eu estava ali, concentrada para que qualquer tipo de situação não

me abalasse. Continuei a sonhar com minha mãe até que nesta mesma semana a ouvi me chamando. Estava dormindo e a ouvi me chamando com muita serenidade dentro da minha cabine. Parecia estar me acordando...

Para o final do mês, as coisas foram ficando um pouco mais delicadas. Estava excluída de muitos grupos sociais do navio por escolha própria. Por mais que saísse do navio todos os dias, não queria socializar para que as pessoas não ficassem comentando nada sobre mim. O navio é como um bairro do interior onde todos sabem da vida de todos. Se nem a banda que era próxima sabia de todos os meus problemas, não eram outras pessoas recém conhecidas iriam saber. Estava reclusa. Apenas Xander, que é amigo de anos que sabia de algumas situações mais importantes na minha vida.

Minha intenção em não falar nada era de não transferir minhas preocupações para as outras pessoas já que elas não poderiam me ajudar a me acalmar ou a resolver meus problemas. Preferi ficar isolada a maior parte do tempo então eu saía com alguns membros da banda, ensaiava, malhava, tocava e voltava para a minha cabine. Minha rotina era basicamente fazer o indispensável e voltar a dormir ou a escrever meus diários do mestrado.

Próximo ao final do mês, minha mãe foi internada após algumas crises de falta de ar onde minha irmã relatava serem as piores cenas antes vistas em sua vida pois ninguém era capaz de solucionar a dor que minha mãe sentia. Meu pai, ainda resistente em me contar os fatos, resolveu abrir o jogo após ver minha aflição. Minha mãe mal se comunicava comigo e quando ligava e pedia pra que ela falasse, ele sempre desconversava. Ficava dias sem me comunicar com ela e quando conseguia, ela dizia meia dúzia de palavras e dormia.

No dia de São Jorge, data em que todos os anos fazemos uma feijoada especial ao santo, tinha certeza que minha mãe já não estava tão bem. Meus pais têm uma casa em Miguel Pereira onde fazemos todos os encontros comemorativos da família. A princípio, a tal feijoada que seria lá, foi transferida para nossa casa no Rio. No dia do evento, nem para meu terraço a família pode subir. Sabia que era pelo fato de minha mãe (que sempre foi tão ativa) não aguentar subir mais escadas. Passei o dia inteiro querendo falar com ela e não pude. Atendiam o telefone longe dela ou não atendiam dizendo que o sinal estava ruim. No momento em que a

família foi fazer uma reza juntos, eu saí e fui comer depois de horas tocando. Pedi para que me esperassem, mas não deu tempo. Me deram as desculpas mais esfarrapadas do mundo. Disseram que tinha um primo precisando ir embora e adiantaram a oração, mas a verdade era que minha mãe já estava passando mal. Recebi um áudio de minha tia rezando junto a minha mãe, mas sei que a voz dela já não parecia muito bem.

Minha mãe estava mal. Até os últimos dias do mês estava pensando nas possibilidades que tinha para que eu voltasse para casa sem que o trabalho fosse afetado. Comecei a conversar sobre isso com Xander por volta do dia 26 de abril. Ele, sem muito pensar concordou com a possibilidade de ir para casa mesmo que o trabalho se desfizesse. Era minha mãe ali precisando de mim e ele sabia o quanto ir vê-la era importante pra mim.

Concomitantemente a esta situação, a banda, que realizava ensaios todos os dias ainda cometia alguns erros bobos no palco. Cantavam e tocavam algumas músicas erradas. Não lidava bem com isto pois há um mês tocando juntos, penso já ser tempo suficiente para não cometermos estes tipos de falhas básicas. Nos últimos sets do primeiro mês pensava no que poderia ser feito para que estes equívocos fossem extintos do nosso projeto.

O cansaço mental era excessivo pois além das responsabilidades com a banda e os problemas em casa, existiam alguns imprevistos naturais a um trabalho em navio. Estes eram o terror dos músicos a bordo e chamavam-se Técnicos de som. Como relatado no capítulo anterior, estes eram o que nos auxiliavam na transmissão e captação de nossa música para os ambientes do navio.

Para cada ambiente do navio existe um técnico que distribui o som para cada musicista em seu *In Ear Monitor* (retorno auditivo no qual o músico escolhe apenas os instrumentos e vozes que quer ter em fones de ouvido). Além da preocupação de saber como o som aparece externamente ao palco, a maioria dos técnicos cismava em querer alterar apenas o que tínhamos por direito ouvir nos nossos ouvidos. Cada dia eles fazem uma alteração diferente. As vezes aumentam nossas vozes nos monitores, as vezes diminuem, as vezes colocam mais guitarra, as vezes mais piano. Isso ocorria constantemente e muito atrapalhava o desenvolvimento do trabalho.

Além destes dois detalhes, por rotatividade de escala (horário de jantar, intervalo, tempo livre) cada técnico fazia uma primeira checagem de som de sua maneira com a banda e salvava a cena na mesa de som. Isso significa que a cada técnico que assume a mesa temos um som diferente que tocamos no dia ou set anterior. O som nunca era uniforme. Não temos qualidade neste quesito todos os dias mas, como sabemos que é um problema constante na companhia, não reclamamos. Procuramos sempre fazer nossos sets de maneira mais profissional possível.

No Brasil, passou-se aniversário da minha irmã, mais crises da minha mãe no hospital e o desejo de ir pra casa. Quando recebi a notícia que as coisas não estavam muito boas e minha mãe só ficava acordada poucas horas no dia, resolvi arrumar uma pequena mala e ir para casa. Rapidamente contatei Sr. Martyn que tinha então sido promovido para Diretor do Cruzeiro e o disse que gostaria de ir em casa ver minha mãe. Disse que não sabia como ela reagiria estes dias e que gostaria de vê-la e dizer-lhe que poderia descansar. Que tudo ficaria bem por aqui.

O procedimento na empresa é de tirar um Work Break (intervalo de trabalho). O máximo que a empresa poderia me dar eram onze dias e em menos de doze horas, com a ajuda do meu namorado, consegui comprar ida e volta para o Rio de Janeiro. Todas estas despesas foram custeadas por mim já que foi de minha escolha voltar para casa. Neste dia estava em Civitavecchia, na Itália, que era bem próximo ao aeroporto internacional de Roma então a empresa me levou de taxi até o aeroporto para que eu tivesse mais conforto neste momento difícil.

Antes de ir, organizamos com os meninos uma lista de músicas do meu repertório que o guitarrista/vocalista pudesse cantar além das dele. Fizemos também uma nova lista com canções para o baixista e o baterista cantarem já que a falta de uma voz ficaria evidente no trabalho. Mais músicas instrumentais foram integradas ao repertório também.

Me despedi dos meninos e desejei que tivessem toda sorte do mundo já que estaria ausente por uns dias e eles teriam que ter muito empenho para continuar com a excelência do trabalho. Esperei de sete da noite até as cinco horas do dia seguinte para pegar o voo para o Brasil. Não queria gastar dinheiro com hotel e nem

com transporte até o aeroporto novamente, por este motivo, resolvi aguardar no aeroporto mesmo.

Já no avião antes da primeira conexão em Amsterdã, fiquei esperando uma hora até a decolagem e foi extremamente estressante pois estava com fome e ansiosa para chegar. Meu medo era perder a conexão para o Brasil e não conseguir ver minha mãe. Não podia perder aquele segundo voo de jeito nenhum. Tinha que ficar tranquila e concentrar todas as minhas boas energias para que essa viagem valesse a pena. Só queria chegar e dar um abraço em minha mãe.

Chegando em Amsterdã, meu voo já estava com fila para embarque e eu era uma das primeiras que só pensava em entrar na nave, comer e dormir. Naquele voo vi duas animações que me apertaram o coração. Coco (Título no Brasil: Viva - A vida é uma festa) e o Touro Ferdinando. São filmes que trazem intensas relações familiares e que, pelo momento em que eu estava, trouxeram-me fortes emoções.

Quando estava quase pousando, uma lua linda estava ali para me receber. Parecia uma laranja enorme no céu. Já sabia que tinha alguma coisa diferente ali. Pensei que fossem boas vibrações e notícias positivas sobre minha mãe, mas quando cheguei ao aeroporto, estava meu pai de braços abertos para me receber dizendo que ela tinha dito a ele para me pedir desculpas por não conseguir me esperar voltar.

Bom, era dia primeiro de maio. Dia do trabalhador. Nada mais digno que minha rainha partisse nesse dia tão a cara dela. Era mulher esforçada e sempre correu atrás de tudo aquilo que queria. Sempre se esforçou para me dar os melhores momentos da minha vida, além da melhor saúde, educação e lazer. Tinha ido embora um pedaço de mim. A mulher que me gerou, me acolheu nas horas mais difíceis, a minha mãezoca, minha *mamadi* partiu!

Que dor... parei por alguns minutos naquele abraço do meu pai, chorando pela primeira vez na minha frente depois de ter perdido a mãe há um ano atrás e ainda ter se contido, perdeu sua companheira de trinta anos. Depois desse soco que a vida me deu no olho, descemos e fomos encontrar toda a minha família que nem quando fiquei seis meses fora, foram me buscar no aeroporto. Era uma fase para realmente estarmos grudados.

Passei a noite inteira bebendo com meu pai, na companhia do meu namorado e da minha irmã. Bebemos até as duas e por volta das quatro acordamos para nos preparar para o sepultamento de minha mãe. Detalhe importante nesta frase deixar você, leitor(a), sabendo que nunca tinha ido a um enterro na minha vida. Na minha família, onde perdemos algumas pessoas muito cedo (meus padrinhos, avós...) os adultos escolhiam uma pessoa do grupo para não ir a cerimônia e ficar em casa com as crianças. Por este motivo, eu, minha irmã e algumas primas nunca tínhamos ido a este tipo de evento.

Chegando ao Cemitério do Caju, foi uma mistura de nervosismo com saudade já que, apesar dos pesares, estava indo reencontrar minha mãe. Estava indo ver seu rosto, tocá-la pela última vez. Tinham muitas capelas e já, ansiosa falei para minha tia: “Pelo amor de Deus, alguém entra e veja se é minha mãe mesmo que está lá dentro. Não quero entrar e ver a pessoa errada”. Falei com tom de brincadeira, mas com medo e estranhamento de estar naquele local sem me preparar.

Entre na capela B onde senti que ela estava e antes de vê-la, dei de cara com uma tampa de caixão pavorosa. Logo depois vi o rosto da minha mãe, tranquila e serena. Aquele instante foi tão difícil, mas confortante por ver que ela realmente tinha descansado. Ela estava do jeitinho que deixei em casa. Calma, relaxando... A dificuldade maior nessa situação foi manter a calma para que eu conseguisse ajudar meus familiares a ficar bem.

Foi tudo do jeito que ela queria. Só a família e ninguém de fora para fofocar. A família estava muito abalada pois minha mãe era centro, era motivo para reuniões e encontros. Ela fazia aniversário dia 24 de dezembro, então estávamos todos juntos no natal para comemorar sua vida. Foi difícil ver meu pai e irmã chorando como nunca vi antes. Poderia ser choque ou autocontrole, mas não consegui derramar uma lágrima neste dia e fiquei um tempo sem derramar.

Ainda nestas horas seguintes tive que avisar aos meninos no navio para que soubessem da minha chegada e do estado de minha mãe. No mesmo dia habilitei meu telefone, mas não pude falar com eles pois estavam em alto mar. Sentada na escada em frente a capela dei a notícia ao Xander. Desestruturou-se de imediato, Lucas tomou o telefone dele e disse que ligaria novamente em alguns minutos.

Quando me retornaram, Xander estava melhor, mas triste por ser um amigo próximo e não poder estar lá comigo. Perguntei sobre a banda e ele disse estar tudo bem. Disse ter as coisas sob controle pois algumas cantoras estavam ajudando dando pequenas canjas nos sets.

Assim como eu, meu pai teve que avisar a algumas pessoas sobre nossa recente perda. Ele me disse que avisou ao oncologista responsável pelo tratamento de minha mãe sobre a partida. Dr. Gustavo disse emocionado que sentia muito, mas tinha muito orgulho dela pois era guerreira e lutou muito para viver. Ele complementou dizendo que a força da família foi importantíssima para ela nesse trajeto já que a previsão de sobrevida depois do primeiro câncer era 1 ano. Ela viveu cinco. Foram cinco anos de alegrias inesquecíveis.

O caixão foi fechado e levado até o local do enterro. Quando chegamos pertinho, disse a ela bem baixinho “mãe, pode ir”. Esperava que não se prendesse a nada daqui e descansasse bem sem interrupções na sua passagem. A falta que ela faz é irreversível, mas o alívio que me causou sua ida, é confortante pois sei o quanto estava sofrendo neste plano.

No mesmo dia, como é de costume quando alguém parte na minha família, fomos para minha casa beber e relembrar as coisas maravilhosas que passamos na vida com esta pessoa que se foi. O encontro foi bom, sentia minha mãe ali, entre nós. Vimos jogo, conversamos sobre vida e planos, além de combinarmos o próximo encontro de família, já que eu estava ali apenas por mais dez dias.

Nestes dias em casa, arrumei o armário dela na casa do Rio e na casa de Miguel Pereira, descansei, fui ao cinema e coloquei minha cabeça no lugar. Penso que tive estes dias de ‘vantagem’ nesta viagem pois mesmo com a perda da minha mãe, estava próxima a minha família. Antes de ir, peguei pequenas encomendas com as famílias dos meninos para levar a eles.

3.2. TRÊS MESES DE TRABALHO

Minha volta para o trabalho foi difícil, mas fui determinada a levar para essa volta todo meu profissionalismo e dedicação. Decidi não carregar nenhum sentimento ruim comigo pois sei que aquilo poderia fazer dos cinco meses que faltavam um martírio. O que via era a presença da minha mãe em natureza. A via no vento, no sol, nas arvores, por aí! Sentia que essas forças me fariam bem e me conectariam a ela de certa forma.

O voo de volta foi cansativo. Como comprei passagens às pressas, as passagens eram de ida e volta para Roma. A diferença da volta era a conexão em Paris; Liguei para a companhia aérea e não consegui trocar as conexões para meu destino final em Corfu (Grécia). O que pensei foi em pegar um trem de Paris para Londres e de lá, pedir a minha companhia que me desse um voo em sua própria empresa que também opera como linha aérea. Dito e feito! Fiz o caminho da minha primeira viagem internacional.

Depois de um voo de nove horas regado a muito vinho e biscoitos cheguei a Paris. Passei rapidamente por seu aeroporto internacional e fui direto para o trem. Chegando a Londres fiz um mini tour em meu lugar favorito no mundo, além de fazer compras e sentar para lanchar uma comida japonesa a frente do rio Tâmis e do Big Ben. Foi um dia cansativo, mas sensacional. Na ida para o aeroporto internacional de Londres (Gatwick) fiquei mais sete horas esperando meu voo sentada no aeroporto. Estava quase me sentindo em casa quando ficava deitada por estes grandes terminais.

No dia seguinte, já chegando no aeroporto de Corfu, desci rapidamente já que só carregava comigo uma bagagem de mão e fui correndo para o primeiro ônibus com a logomarca da TUI/Marella que vi em minha frente. Cheguei por volta das doze horas e entrei no ônibus que não demorou nada a sair. Quando cheguei no navio, passei pela imigração e logo entrei no barco. Xander, meu fiel escudeiro, estava lá me esperando, bem na porta para me dar aquele abraço apertado quando eu chegasse.

Foram momentos difíceis naquele dia pois tínhamos muito a contar um para o outro e atualizarmos sobre o que estava acontecendo no navio e em casa. Fomos

direto para minha cabine e Xander alertou-me sobre a atitude de alguns dos integrantes da banda quando eu não estava. Ouvi queixas de ego inflado, desobediência de regras e falta de interesse por ensaiar para que o trabalho ficasse melhor.

Desapontei-me ao saber disso, mas continuei os tratando da mesma maneira como me tratavam (muito bem). Nestes dias seguintes à minha volta, me trataram a pão de ló já que sabia pelo que tinha passado e admiravam minha força por ter voltado. Creio que todos eles não voltariam caso isso acontecesse as mães deles pois não teriam estrutura emocional para uma situação destas.

Voltando ao navio, as situações chatas e os incômodos são latentes. De cara, já encontrei algumas diferenças deste o dia que fui para casa. Marcos, técnico brasileiro teve seu work break pois sua esposa estava grávida e teve a criança naquela semana, por este motivo, um novo técnico substituiu sua posição. Este, que não estava preparado, nos trazia grandes transtornos no primeiro set. Eu ficava abismada em ver um som de tamanha riqueza qualitativa ser passado por profissionais tão fracos como aqueles. Até eu, que pouco entendo de som conseguiria fazer um som bem melhor do que eles apenas por conseguir perceber o que é bom ou não, o que falta em relação a graves, agudos, *reverbs*, entre outras funções.

A convivência era dificultosa naquele momento pois existiam muitas pessoas entrando e saindo. Quem chegava, descobria um mundo de frustrações e novidades e quem ia embora, estava altamente estressado. Lembro-me bem de uma situação na temporada passada em que uma recepcionista do restaurante simplesmente surtou. Ela já trabalhava há nove anos embarcada, mudou de empresa apenas uma vez e tinha intervalos contratuais de apenas um mês. Esta moça, saiu do navio um dia embriagou-se. Quando voltou para o navio, queria quebrar tudo. Estava extremamente alterada e xingava funcionários e passageiros. Esta funcionária foi isolada, dopada por calmantes e amarrada numa cama até poder ser desembarcada. No dia seguinte saiu do navio em uma cadeira de rodas vestida por uma camisa de forças.

O homem inserido na própria renúncia imposta pelo trabalho alienado tem sua energia seus instintos e suas potencialidades amortecidas e petrificadas. Devido a realidade debilitante do trabalho fadigoso, o corpo se vê na obrigação de recalques dos sentimentos e emoções. Esta dificuldade de representação dos sentimentos, emoções, como também, das pulsões instintivas, devido a realidade frustrante do trabalhador, pode desencadear quadros psicossomáticos. Esses quadros psicossomáticos são desencadeados justamente pela cisão da totalidade do trabalhador provocada trabalho alienado ou pelo acúmulo da energia instintiva (tensão) que a mesma forma de trabalho causa no trabalhador.

Diante deste fato trazido então por Santana (2013), penso ser muito normal encontrar tripulantes com perfil tendencioso a surtos nervosos a bordo. Os casos que mais vi nesta temporada foram de pessoas que um dia são extremamente simpáticos e solícitos você e no outro dia, mal te olham quando passam no mesmo corredor. As vezes trata-se de um jogo de interesses ou de status já que a vida social a bordo funciona assim. São marinheiros e funcionários do entretenimento os mais cobiçados do navio.

Seguindo com as mudanças de minha volta, o Sr. Martyn Payne estava de férias, então havia um novo Diretor de Cruzeiro para substituí-lo por algumas semanas. Ele era o responsável por todas as decisões a bordo. O novo diretor de Cruzeiro (que por sinal já o conhecia), era um grande tapa buracos da companhia. Toda vez que algum Diretor entrava de férias, este substituto vinha. Para o público, ele era excelente, mas para os funcionários, era conhecido com aquele que não resolvia nada. Nos mínimos problemas de som que tivemos, ele não estava solícito a ajudar. Dizia que ia fazer, que ia falar, mas nunca agia.

Passando para o fim do segundo mês, o ar refrescante de casa já não fazia mais efeito. Os erros na banda continuavam recorrentes e não aprovava alguns tipos de atitudes com os meninos. É muito difícil ser única menina trabalhando no meio de meninos, então, em alguns momentos, ficava desfalcada. Eles me pediam desculpas o tempo todo pois sempre estavam falando alguma coisa sobre outras mulheres ou de cunho machista. Reprovava totalmente este tipo de atitude, mas, em certos

momentos, procurava não os recriminar pois sabia que isso causaria um enorme mal-estar na banda.

Então começou a temporada de engolir sapos. Estava hiper insatisfeita com estas atitudes, principalmente quando aconteciam no palco. Eram piadas sexuais ou machistas que tinha repulsa ao ouvir. Conversei uma vez cada um, mas parece eu eles esqueciam e, quando lembravam, me pediam desculpas. Só aumentou mais o repertório de como me pedir perdão por serem preconceituosos. As brincadeiras eram mais frequentes entre o baixista e o guitarrista. Nunca foram desrespeitosos comigo, então minimamente era tolerável.

No início do terceiro mês só queria voltar pra casa. Estava triste por não poder estar próxima ao meu pai no dia do aniversário dele (22 de maio) e queria estar ali para qualquer eventual imprevisto. A saudade era enorme, maior do que na primeira temporada na qual fiquei pela primeira vez longe de casa por sete meses. Mas sempre procuro fazer minhas rezas e pensar que tudo acontece por uma razão. Somos humanos e estamos aqui para viver cada segundo com esse turbilhão de sentimentos.

O que muito me animava nessa rotina a bordo eram os destinos. Nessa época o navio tinha iniciado a temporada na Europa a mais ou menos quinze dias, por isso, a maioria dos portos que descíamos eram novidade para mim. Procurava sempre comer alguma coisa diferente e sentar para beber as cervejas locais. Sou uma grande apreciadora de cerveja, por isso não podia deixar de descer em algum porto e provar essa iguaria típica de cada país.

De acordo com o contrato da banda, uma vez por semana os instrumentistas da banda são requisitados para tocar com o *Showteam*. Eu, que estou na banda como vocalista, sou requisitada também a fazer dois sets sozinha nesta mesma noite com o auxílio de *backing tracks*. Desde o início da temporada a banda divide-se assim uma vez por semana. Nestes sets, que eram localizados no *Live Room* (ambiente mais despojado a bordo), fazia dois tipos de repertório diferentes. No primeiro momento, cantava músicas de gênero *Lounge* (Sade, Norah Jones...) e no segundo, fazia um set temático chamado Divas. Neste set, trazia a maioria das musas da música internacional em 45 minutos de show. Cantava Whitney Houston, Celine Dion, Mariah Carey, entre outras.

Adorava cantar estes tipos de música. Ao mesmo tempo me sentia um pouco desconfortável cantando sozinha nestes dias pois estávamos em um ritmo de trabalho onde a banda toda se auxiliava. Tocar com *backing track* não é tão prático pois se acontece algum erro, não tem como disfarçar ou tentar cobrir para que o público não perceba. Se canto algo incorretamente, o erro fica muito mais aparente. Já com a banda, um ajuda o outro com as letras ou cobrindo brechas de tempo com riffs instrumentais. Além da parte dinâmica dos sets com *backing tracks*, confesso que sentia muita falta da energia dos meninos tocando comigo. Todos os dias em que tocava só, repassava algumas músicas e fazia pastas específicas no computador onde selecionava todas as músicas e imediatamente as colocava em ordem para reprodução. Isso me auxiliava também na organização das letras pois com dois meses não sabia todas as músicas que cantava decoradas.

Diferente destes sets solo que fazia durante a semana, acontecia o *Band Jam*, que é um evento onde todos os músicos tocavam juntos uma vez por semana. Este evento acontecia também no *Live Room* e era após todas as atrações de entretenimento em outros ambientes. O objetivo era fazer com que todos os passageiros fossem a este local para assistir ao show improvisado⁵ dos músicos. Todos os shows eram muito divertidos e cada vocalista cantava uma música assim como os instrumentistas faziam seus solos.

No fim do show, o Diretor do Cruzeiro apresentava todos os músicos no palco e no momento da minha apresentação, o baterista da minha banda tocava samba para que eu dançasse. Este momento do samba era interessante pois muitos dos passageiros agiam com uma mistura de surpresa e estranhamento por nunca terem visto alguém sambando antes. Eu achava incrível ver os rostos e sorrisos olhando para mim. Dava sempre meu melhor e realmente tinha como objetivo impressioná-los.

Lá era a única mulher negra do setor de Entretenimento. Nesta época éramos um time de dez entre os que já entraram e saíram do navio desde que cheguei. O fato de ser a única negra não me incomodava. Era valorizada pela minha

⁵ Todos os shows tinham ensaios pela tarde do mesmo dia.

cultura pois o tempo todos éramos abordados por passageiros pedindo para que tocássemos música brasileira. Procurávamos infiltrar uma ou duas músicas diariamente no set, mas nunca poderiam ser maioria, por este motivo, tocá-las com ritmos brasileiros ou trazer nossa dança fazia com que todos nos vissem com aquele algo a mais.

Nestes dias, procurava usar cores bem brasileiras no meu figurino e nos dos meninos. No contrato passado, até levei uma cabeça de escola de samba (Anexo 5) pois fazíamos um set apenas com músicas brasileiras e no final, trazia um pequeno número de samba para os espectadores. Acho ser extremamente importante abrir espaços no palco onde possamos determinar propostas a partir de nossas origens. Acredito assim que a arte e a cultura capacitam a expansão de percepção e do ser de acordo com que ele presencia e com o que ele observa. A arte no navio apresenta-se não só como o performer, mas também como aquele que auxilia na montagem ou estruturação física de um espetáculo.

Todos usam seus talentos para sobressair e mostrar onde pensam que a arte deve os levar. Exemplo disto é entender a logística de todo o time envolvido na feitura de qualquer performance (seja do *one man band* ou de todo o *show team* – dez atores – trabalhando ao mesmo tempo). Alguns, que não são “*stage performers*” (técnicos som/roadies), tem total capacidade de utilizarem-se de sua arte através desse processo. Reflito diante destes não “*stage performers*”⁶ no que é performance. A performance então aparece, mais uma vez, confirmando-se não só como um ato artístico tradicional. Não é apenas cantar ou dançar, mas também produzir, instalar equipamentos, passar sonorização e até mesmo limpar o palco.

Os ensaios a este ponto aconteciam com certas pausas já que os outros integrantes da banda pensavam estar de férias, ou seja, só aconteciam ensaios quando tínhamos algum show temático ou evento em especial. Por termos muitos problemas em casa também, acabamos não pressionando a ninguém par que os ensaios acontecessem com tanta frequência como no começo. A banda já estava com um repertório muito maior. Muito disto foi graças a minha ida para casa que

⁶ Aquele que é interprete. Dança, canta, atual, toca, etc.

alertou nos meninos a possibilidade se alguém ter que se ausentar e termos que dar conta do trabalho com menos uma peça.

Para meados de junho, tinha decidido parar de beber para desintoxicar de alguns hábitos e situações da vida a bordo. Tudo lá era muito rotineiro. Fazíamos alguns sets sempre seguidos de um drink no fim. Até que após o falecimento da minha mãe, percebi que estava fazendo o ato de beber demais um hábito. Minha garganta, próximo ao dia de completar três meses a bordo já estava pedindo socorro. Fiquei preocupada de ficar doente e este fato auxiliou na minha tomada de decisão. Zero álcool por um tempo!!!

Sempre tive hábitos muito saudáveis no Brasil e uma alimentação muito regrada. Lá, chegando ao meio do contrato a comida já não me agradava e faltava o famoso “arroz com feijão” de todos os dias. Por este motivo, resolvi parar de beber por um tempo até decidir que estava me sentindo bem e saudável de novo. Esta experiência durou um mês.

Descobri interessantes fatos diante deste teste. Sair e consumir bebidas alcoólicas na Europa é muito mais barato do que consumir bebidas saudáveis. Gastei muito dinheiro para sair e beber sucos naturais ou chás gelados. O valor das bebidas naturais era em média cinco euros e as cervejas ou taças de vinho custavam três. Ficava triste por me sentir desperdiçando dinheiro, mas sabia que aquela atitude voltaria como resultado positivo para mim. Via muitos colegas de trabalho beberem todos os dias doses e doses de uísques. Conheci um saxofonista que era diabético e que bebia sete dias por semana. Minha reação era sempre de surpresa pois não entendia bem como aquilo poderia ser possível. Ele relatava beber tranquilamente e quando chegava no fim da noite em sua cabine, aplicava insulina para reequilibrar suas taxas.

Em junho iniciaram-se as liquidações de verão em shoppings e lojas por toda Europa. Lembro claramente de sempre fazer pequenas compras de peças com valor de cinco a dez euros semanalmente. Confesso que comprei muito mais do que deveria e hoje, em casa, já usei todas as roupas que comprei por lá, mas penso também que trabalhei para, de certa forma, suprir meus luxos de alguma forma. Fiz o que eu queria fazer! Comprei sem pensar muito e hoje tenho peças maravilhosas em casa! É importante frisar que todas as compras foram utilizadas como figurino

em algum momento da temporada, então, justifico a compra como um investimento ao trabalho.

Uma dificuldade com o figurino no palco é a luz que altera as cores de acordo com a pigmentação da peça. Quando são tons claros, os figurinos geralmente parecem brancos e quando são tons escuros, os figurinos parecem preto. Não tenho independência na companhia para pedir que mudem as cores das luzes de acordo com nossos figurinos, mas sei que o resultado de estarmos todos vestindo as mesmas cores aparece quando saímos do palco e as pessoas percebem e comentam.

Um fato interessante a ser lembrado são também as questões climáticas. O navio recebe passageiros que procuram sempre o sol, mas nem sempre o sol os procura. São passageiros extremamente brancos que querem ficar na piscina ou na praia o dia inteiro e muitos deles passam mal pois são idosos e não tem resistência a altas temperaturas. Durante o dia, os ambientes abertos são os mais cheios e pela noite, consigo ver centenas de camarões caminhando pelo hall do barco. É uma cena hilária. Já no caso contrário (quando existe chuva), a programação do navio toda é alterada para os ambientes cobertos. As bandas que tocam na piscina migram para o *Venue* (salão de game shows) e as atividades que estaria lá, migram para o *Live Room*.

Estas situações são básicas. A fase em que o mal tempo influencia negativamente na semana é quando estamos em alto mar. No momento em que navio sai e as ondas são altas, o balanço no barco é pavoroso. Nesta temporada, por duas vezes vomitei antes de entrar para cantar. Uma delas, foi exatamente no momento em que estava no palco. Saí correndo para o banheiro mais próximo do andar e logo depois tive que voltar direto para cantar.

Os acidentes com passageiros de cruzeiro muitas vezes acontecem por razões como estas. Por um leve balanço, um idoso pode desequilibrar-se e cair. Por este motivo, o barco é repleto de corrimãos e cadeiras de rodas sobressalentes para caso de emergência.

Falando em acidentes, já pude presenciar alguns em estas duas temporadas que foram chocantes. O primeiro caso foi de uma senhora que caiu exatamente em frente ao palco da piscina. Esta senhora tropeçou em uma cadeira específica para

tomar sol e acabou cortando-se com o copo que tinha na mão além de quebrar o cotovelo. Como o navio estava aportado, a senhora foi imediatamente transferida para um hospital fora do navio e conseguiu embarcar novamente no mesmo dia para seguir viagem.

O segundo caso aconteceu no *Venue* quando uma senhora desequilibrou-se dançando no meio de um game show. A banda estava pronta para tocar apenas aguardando o final do jogo. Quando olhamos pela fresta da cortina, vimos uma senhora caída no chão e um silêncio total do lado de fora. O corpo médico logo chegou ao local para atendê-la, mas a situação que me deixou mais incomodada foi receber a ordem do diretor de cruzeiro para que a cortina abrisse e começássemos a tocar. Tivemos que fazer nosso show com a plateia lotada e a senhora ainda caída no chão. Os coordenadores nos pediram para tocar músicas animadas, mas diante daquela situação, sentimos que devíamos respeitar aquele incidente, por isso tocando canções que fossem tranquilizantes aos corações das pessoas ao redor que se preocupavam com a senhora acidentada. No fim da noite, ela já estava de pé e recuperada.

O terceiro e mais delicado caso foi de um senhor que passou o dia inteiro no calor, voltou para o navio extremamente estressado e teve um aborrecimento com algum tripulante da recepção por motivo não sabido por mim. Este passageiro voltou a sua cabine teve um infarto sem tempo nem chance para pronto atendimento. Veio a óbito alguns minutos depois deixando esposa e filhos (também embarcados) em uma situação extremamente delicada e triste. Quando acontece este tipo de incidente, o corpo do passageiro permanece a bordo até o dia seguinte para que possam desembarca-lo e transferi-lo para seu país de origem.

O último, desta vez hilário caso foi de outra senhora que bebeu demais e acabou caindo no chão em frente ao palco do Live enquanto estávamos tocando. A pista estava cheia, mas a emergência logo chegou. A senhora machucada permaneceu consciente e se recusou a ser levada para o centro médico pois queria aproveitar o resto do show da banda. O médico não acreditou e riu. Colocou-a sentada em uma cadeira na lateral e continuou o atendimento ali mesmo onde era possível assistir ao show e realizar seu trabalho.

Ficamos preocupados com estes passageiros pois sabemos que além de serem idosos, são também carinhosos e preocupados conosco. Muitos deles vêm para passar a semana e perguntam quanto tempo ficaremos a bordo pois querem voltar e nos ver por lá. Alguns que conversei com mais tempo e falei sobre o óbito de minha mãe ficaram emocionados e queriam me abraçar toda vez que me viam. Alguns passavam uma semana inteira sem conhecer outras atrações e outras bandas pois só iam para os ambientes onde estávamos tocando.

Este contato com os passageiros é excelente pois nos sentimos muito acolhidos quando vemos alguém com um rosto familiar ou até mesmo brasileiros que volta e meia aparecem despencando por lá. Já conhecemos pai chileno com filha brasileira, casais com mãe e filhos brasileiros, além de mulheres brasileiras casadas com ingleses. Quando encontramos estes perfis de passageiros no navio, geralmente passamos grande parte da semana com eles. Saímos juntos, damos dicas de passeios e do que assistir dentro do navio já que são muitas atividades acontecendo ao mesmo tempo. Como é característica da empresa oferecer um pacote em que os passageiros realmente se sintam em casa, nós os tratamos como família que, penso eu, é o que mais sentimos falta neste trabalho.

O contato com eles após o desembarque continua pelas redes sociais da banda e de cada integrante. Este é um trabalho que cabe a mim. Eu atualizei constantemente em todo o processo do grupo fora do país a página da banda. Todas as fotos em dupla ou em quinteto estão postadas na rede assim como no canal da banda. O acesso e a disponibilidade da banda nas redes sociais nos trazem desde sempre um retorno positivo. Muitas pessoas fazem contato inicial para shows por ali além de trabalharmos a popularidade do projeto para pessoas que não conhecemos.

As atualizações diárias de conteúdo promocional, informativo e interativo nas redes sociais é uma estratégia de baixo custo que funciona como uma maneira de divulgar a marca, formar opiniões e atrair a clientela. É recomendável investir em imagens, vídeos e frases curtas, para criar um cenário interativo ao leitor. (FALGUETO, 2018)

O básico para o upgrade de nossa página online é a atualização de fotos e informações de onde nos encontrar. Quando estamos em casa, fazemos shows em bares e eventos fechado, então geralmente colocamos a agenda do mês. Gostamos também de fazer lives (aqueles momentos ao vivo) em shows e em locais que visitamos. Apesar de termos o empecilho da falta de internet a bordo, todos os dias que saímos atualizamos a página e o canal de maneira mais adequada para compensar os dias em que não pudemos fazer isso.

Quando voltamos para casa foi inumerável a quantidade de pessoas que chegou até nós e disse” nossa, eu vi vocês só arrasando lá na Grécia” ou então “Meu Deus, mas que fotos lindas. Vi tudo lá na página da Banda Certa”. Isso nos faz ter interesse por incrementar a vida virtual da banda. Muitas vezes, mesmo sem comentar ou curtir, as pessoas têm acesso e veem nosso desenvolvimento através das redes.

3.3. SEIS MESES DE TRABALHO

Chegamos em julho! Urrul!!! Alto verão e o navio bombou com a gente lá! Já tinha cinquenta países nessa conta de visitas pelo mundo e o sol estava brilhante para aproveitar cada praiazinha grega. Ai ai... as coisas em casa continuavam difíceis, mas não podíamos deixar de aproveitar a parte boa que essa viagem nos proporcionou. Já sabia a maioria das letras decoradas então pouco me preocupava com o trabalho naquele mês.

Minha única preocupação com o trabalho naquela época foram as novidades que o Diretor de Cruzeiro em contato com o escritório da companhia criou para que o verão no navio ficasse mais interessante aos passageiros. Eram três eventos que se chamavam *band-okê*, *Mersey beats* e *The sounds of Manchester*. Os eventos aconteciam no *Venue* que era o local onde geralmente tocávamos. Este fato deixou-nos mais confortáveis para executar as novas atrações.

Band-okê nada mais era do que um Karaokê com banda, ou seja, tivemos que preparar uma lista de mais ou menos cem músicas e no momento destinado a este evento, os passageiros escolhiam suas músicas e vinha ao palco cantar

conosco. Passamos maus bocados com o Band-oê, Nossa senhora do céu... as pessoas escolhiam as músicas, mas não sabiam a letra, muito mal o roteiro da canção. A banda às vezes tinha que tocar descompassada para conseguir acompanhar o passageiro que estava cantando. Nestes momentos, procurava liderar o microfone e dar aquela cola básica para o cantor ou cantora da vez. Eram quarenta e cinco minutos de inferno naquele auditório. Quando acabava, tinha que tomar um drink para aguentar aquele sufoco que havíamos passado.

Já em agosto criaram *Mersey beats e The Sounds of Manchester* que eram sets específicos a alguns locais famosos na Inglaterra. O primeiro da lista, referia-se a Liverpool. Neste set, tocávamos Beatles e algumas outras bandas específicas do local. Já no *The Sounds of Manchester*, que já é autoexplicativo, bandas como Oasis, Simple Red e The Smiths. A maioria do público lá era destas áreas, por este motivo, estes sets faziam muito sucesso quando tocados. A preocupação maior era que tivemos somente duas semanas para aprender as músicas destes shows. As listas eram de doze canções cada e nos deram partituras e os áudios como ajuda. Eu que era cantora, tive que procurar as letras na internet com o wi-fi do porto seguinte. Saía apenas com meu celular, então chegávamos em um bar, tirávamos print de todas as letras e quando chegávamos de volta a cabine, digitava todas com a maior paciência do mundo.

Neste segundo trimestre da viagem, ensaiamos apenas para estas três ocasiões. Os erros da banda ainda eram recorrentes mesmo tocando algumas músicas todos os dias por três meses, mas ainda desta forma, a falta de atenção no palco era grande. O sentido de organização profissional da banda estava perdendo-se um pouco. Alguns estavam ali apenas para executar o que já sabiam. Ficava extremamente incomodada com isso, mas pensava já ter problemas suficientes em casa para aumentar a quantidade de problemas em minha vida. Por isso, daquele dia em diante resolvi com Xander Telles apenas fazer nosso trabalho como viemos determinados e aproveitar todos os lugares maravilhosos por onde passávamos.

Nessa temporada visitamos destinos turísticos (Anexo 6) em que eu nunca pensei ir em toda minha vida. Grécia, México, Colômbia, Montenegro, Cuba Turquia, Eslovênia, Croácia, entre outros. Adorava os portos em que o navio chegava às sete da manhã e que podia sair de imediato. No navio, há um mecanismo chamado

Tender Boat (Anexo 8) que leva e traz pessoas de cidades costeiras que não possuem um porto adequado para receber grandes embarcações. Casos estes são os de ilhotas gregas que mal ouvi falar em minha vida como Eskiathos ou Zakynthos. Na operação dos *Tender Boats* a prioridade para sair do navio são os passageiros. Em cada tender cabem cerca de 150 pessoas e são os mesmos barcos usados em casos de emergência acomodando 140 passageiros e sete tripulantes.

Nos dias e portos com esta organização, éramos liberados para sair apenas por volta das onze da manhã, quando a maioria dos passageiros já não estavam embarcados. Sempre tínhamos que voltar com horas de antecedência nestes dias pois nosso horário de retorno ao navio era sempre de meia hora antes dos passageiros. Por exemplo, se o navio chegasse às sete horas da manhã e partisse às cinco horas da tarde, poderíamos sair de tender por volta das onze e voltar até às quatro e meia. Lembrando que este horário de saída é apenas em casos de operações com *tender*. Nos dias de portos em que descíamos em terra firme, o horário a cumprir era apenas o de chegar trinta minutos antes de fechar a *gangway*⁷.

Seis dias por semana o navio estava todos os dias em algum porto. A organização era para que o navio chegasse até as dez da manhã e partisse até as sete. Quando os portos eram próximos, não havia preocupação em sair tão cedo, por isso o barco fazia seu percurso devagar e era mais para os tripulantes pois não ficávamos enjoados e nem tontos.

Nos dias em que o navio estava em alto mar, tudo era um caos. Não podíamos frequentar os restaurantes com agendamento prévio, a lavanderia era uma loucura e a quantidade de shows era a maior da semana. Fazíamos média de quatro sets de meia hora por dia. Não podemos reclamar pois sabemos que não muito, mas é cansativo fazer isso no sol de meio-dia com o navio correndo em alto mar. Tudo em alto mar é mais complicado. Maquiar, lavar cabelo, se vestir. Os processos de organização para um set no momento em que estamos navegando é cansativo. Mas para tudo existe um lado bom nessa vida. A melhor parte dos dias em alto mar era o fim deles.

⁷ Termo usado para indicar porta de entrada e saída do navio

No final do mês de agosto, recebi a visita do meu pai por uma semana (Anexo 7). Não dividia quarto com ninguém, por isso, consegui um desconto para recebê-lo em meu quarto pagando pouquíssimas libras por dia por um pacote com bebidas e comidas incluídas. Essa semana foi muito especial pois era a semana do meu aniversário e depois de minha recente perda, precisava ver minha família o mais rápido possível. Meu pai foi ao meu encontro na semana em que visitamos as cidades de Corfu, Santorini, Bodrum, Chania e Zakynthos. Era a primeira vez dele na Europa e estava extremamente feliz por recebê-lo tão perto de mim e um ambiente tão diferente para nós. Quando cheguei na *gangway* e o vi lá parado com a camiseta do Bahia e uma calça jeans, corri para abraçá-lo e comecei a chorar. Parecia que não o via há anos. Fiquei tão feliz por tê-lo ali. Rapidamente fomos à recepção fazer o check-in e o levei na minha cabine para tomar um banho. Saímos para almoçar e depois bebemos cerveja em um bar que me deixou tão confortável... Sei que era pelo fato dele estar ali, mas toda vez que eu saí em Corfu depois da vinda dele, fui para lá tomar um vinho ou uma cerveja. Referente ao meu trabalho, ele era sempre o primeiro na fila dos ambientes onde tocava e filmava tudo o que acontecia. Estava tão feliz quanto eu por estar ali. No primeiro dia, me viu tocando no maior evento do navio que eram a festa de boas-vindas.

Meu aniversário foi no dia seguinte a chegada dele. Inicialmente, quando descobri que meu aniversário cairia num dia ao mar fiquei um pouco frustrada, mas com a vinda do meu pai e queridos colegas brasileiros que fiz no navio, me animei. Fiz vinte e seis anos a bordo e me organizei para que tivesse vinte e quatro horas extremamente agradáveis com meu pai. No início do dia fiz um set de meia hora na piscina e após o trabalho organizei-me para ter um jantar especial em um dos restaurantes temáticos do navio.

Em meio a tantas comemorações chegou o momento de tocar. Segundo dia em que meu pai me veria tocar. Fiz três sets neste dia. Todos com as mesmas condições dos anteriores. Meu plano era convidar meu pai para tocar comigo, mas meu pai fez surpresa pra mim no palco cantando. Fui surpreendida por ele e pelos meninos tocando uma música que não está no nosso repertório chamada *You've got a friend*. Fiquei emocionada demais pois vi que todos se mobilizaram para fazer os planos de surpresa do meu pai acontecerem. Cantei a música com ele e depois a

mesma música emendou-se a *Isn't she lovely* de Stevie Wonder que era, a princípio, a música que eu o chamaria para cantar comigo. Neste dia meu trabalho se tornou incrível. O melhor que poderia ser. Consegui unir no palco tudo que amo.

Logo depois do set, permanecemos no ambiente em que geralmente toco (Venue) e ficamos aproveitando até as 2h da manhã. Uma das boas surpresas do meu aniversário foi ter ganhado dois bolos (Anexo 11). Conseguir bolos de aniversário no navio é extremamente difícil. Quinze dias antes tentei com a companhia as possibilidades que tinha para conseguir um bolo no meu dia tão especial. No fim das contas, consegui um bolo e já fiquei satisfeita com ele. Alguns minutos depois de começar as comemorações, um colega brasileiro (Emiliano) chegou com outro bolo para me apresentar. Fiquei surpresa pois sei a dificuldade que é conseguir um bolo aqui, por isso me emocionei e agradei imensamente pelo presente.

No fim do dia, uma outra colega brasileira (Patrícia) comentou que aquele que Emiliano tinha me dado era de comemoração do próprio aniversário dele. Fiquei surpresa por saber que Emiliano fazia aniversário no mesmo dia que eu mas não quis comemorar e abriu mão do seu próprio bolo para me dar. Patrícia me explicou que ele tinha perdido o avô duas semanas atrás e além de não estar no clima para comemorações, ele pensou que eu aproveitaria muito melhor o bolo dele do que ele mesmo.

Amo fazer aniversário, amo saber que mais um ano se passou com muita alegria, amor e determinação. Por este motivo, penso que devo comemorar cada dia e cada ano de força. Emiliano talvez tenha percebido esta minha intenção e achou que me faria mais feliz em meu dia dando-me o bolo que seu chefe deu a ele.

A bordo construímos intenções e sentimentos o tempo todo por pessoas que mal conhecemos. Isso me faz refletir sobre o sentido de amizade e do carinho ao próximo. Não tinha intimidade com Emiliano e não era amiga próxima, mas penso que signifiquei algo positivo a ele naquele dia, por isso retribuiu seu carinho em forma de bolo. Este aniversário foi um dos mais empolgantes da minha vida, certamente.

Em todos os dias seguintes tive muita ressaca. Foram muitos drinks durante a semana sem pensar que estaríamos em lugares paradisíacos do mundo. No

primeiro dia passamos horas sensacionais na maravilhosa Santorini. Tentei passar para meu pai todas as experiências que tinha vivido nos lugares que passei até ali.

Fomos a algumas igrejas ortodoxas gregas e paramos em alguns ambientes para as famosas fotos de fundo branco. O que não poderia faltar nesse dia é comida típica. Levei meu pai a uma casa que só vendia iguarias gregas. Meu pai adorou o Gyros que comeu e eu fiquei feliz de poder mostrar um pouco que aprendi desta cultura para ele.

No navio, só ouvia de longe meu pai falar para todos que estava PROUD OF ME (ele tinha acabado de aprender como se fala orgulhoso em inglês). Em Bodrum, fomos a mercados livres típicos da Turquia. Eu e meu pai adoramos feiras. Vivemos na Pavuna onde se tem hoje uma das grandes feiras livres do Rio. Quando vimos Bodrum e suas facilidades com mercados livres nos empolgamos. Meu pai comprou de eletrônicos a roupas e a empolgação foi grande. Finalizamos nosso passeio na Turquia em um restaurante na beira da praia com boa comida e bebida.

Nos dois dias seguintes, estávamos bastante cansados para sair e caminhar. Muito ressaca e muito calor. Aproveitamos então os bares e praias da Grécia como forma de relaxamento e tranquilidades depois de dias pesados de turismo. No dia da despedida senti muita saudade. Naquela semana muitas coisas da 'nova organização' da família foram conversadas. Meu coração foi embora com ele que ainda passou alguns dias em Amsterdã e Londres. Fiquei muito ansiosa para voltar para casa naquela semana e então comecei a contagem regressiva.

Do início de setembro até o dia vinte (meu último dia de trabalho), comecei meu processo de despedidas. Observei bem os ambientes, os hábitos, portos e destinos. Me despedi em grande estilo. Fiz os últimos passeios, as últimas compras até o momento de fazer as malas. Mesmo que claustrofóbico, é sempre difícil para mim criar o desapego em algum lugar que se tornou meu. Já com as malas prontas no momento de ir em bora para o aeroporto, me perguntei mil vezes se estava esquecendo alguma coisa assim como entrei e saí da cabine durante todo o dia. Meu voo foi por volta das cinco, então tive todo o dia para checar novamente tudo ao meu redor.

Ali fiz grandes amigos, extensas caminhadas e recordações que vou levar por toda minha vida. Em meu trabalho, fiz questão de ser e trazer tudo que aprendi em casa, na prática e na vida. E na vida, fiz tudo que achei correto diante de meus princípios e desejos. Esta experiência, assim como a primeira, deixou uma grande tatuagem em mim. Foi um processo delicado e doloroso, mas gratificante e enobrecedor.

4. CONCLUSÃO

A feitura deste trabalho proporcionou-me uma extensa gama de conhecimento nos âmbitos pessoal e profissional. Trabalhar a bordo de um navio não é tarefa fácil quando se é mulher, negra, jovem e filha. Para chegar a esta viagem, abduquei de muitas saídas com meus amigos poder trabalhar e chegar aos moldes profissionais que me encontro hoje.

Toda esta história e percepção de vida foram graças ao esforço e dedicação como trabalhadora autônoma que sempre fui. Tornei-me sócia em uma empresa e hoje sigo como chefe do meu próprio trabalho. Nesta empreitada, tenho plena consciência de que caso não houvesse dedicação, não haveria nada disso.

Sobre adequação, concluo que nesta viagem aprendi a respeitar-me mais como ser humano que tem desejos. Louvo também o fato de conseguir ter forças para driblá-los quando necessário. Adaptei-me com facilidade a hábitos como comer ovo ou tomar pílulas diariamente para manter bom controle de forma física e mental. Penso que essa adaptação foi prática para meu entendimento quanto pessoa que cuida de si própria. Mesmo não gostando de certos tipos de costumes ou rotinas, familiarizei-me a eles para uma melhor qualidade de vida a bordo.

As Culturas foram talvez uma das mais importantes trocas que pude ter em toda minha vida. Essa mistura de culturas permitiu-me olhar a vida, a fé, a arte e a gastronomia de outra maneira. O arroz e feijão não é o tradicional, o alho nos tempos muito menos... tradicional pra mim tornou-se pizza, pimenta e outros alimentos mundialmente consumidos. Nem todos fazem meu gosto, mas sei que percebo a diferença hoje do que eu tinha como referência e do que tenho hoje. Meu paladar a cada dia torna-se mais sensível e aberto a qualquer tipo de novo sabor.

A fé resumiu-se não só a ave-marias e pais-nossos. Existem as energias e Deuses que nos mostram o caminho de tudo. Arte hoje não é só ir para o palco e reproduzir materiais. Arte é meu meio de comunicação e troca de vivacidade com o

outro. Ali no palco sou eu mostrando o que é meu e o que amo fazer. Muito posso dizer que precisei olhar outros para aprender a olhar para mim mesma.

Hoje sou muito mais tolerante às diferenças, por mais que saiba que estes que pensam desigualmente são injustos. Olho diferenças como meios de aproximação e distanciamento apenas. Fica a critério de cada ser, do que ele veio a este mundo para fazer e do que o interessa aprender, absorver e repassar. Este meu modo de vista serve para meio pessoal e profissional. Por muitas vezes me vi em situações com pessoas que considerava extremamente difíceis de lidar mas que aprendi algo. Aprendi a ser cordial com os opostos.

Do que tange processos musicais, o trabalho ocorreu dentro do mínimo esperado a mim como profissional cantora e empresária. Agradamos ao público e a companhia que está mais que satisfeita já nos chamando para um retorno. Acredito que a maior dificuldade tenha sido as diferenças de ideias e formas de trabalho entre os membros da banda. Estou longe de perfeição e não é lá que quero chegar, mas quero ser muito boa. Quero apresentar trabalhos muitos bons e colher os frutos disso. É uma pena quando uma banda com pouca experiência profissional não consegue expandir seus pensamentos a isso. A banda parece ter estacionado pelo fato de não querer ensaiar e acreditar que aquilo que estavam mostrando era suficiente. Creio que, assim como na vida, não podemos nos acostumar pois em algum momento, o comodismo fica arcaico e a idade nos permite cada vez menos sairmos dele. Gostaria nesse processo que a banda conseguisse caminhar como eu e o Band Leader caminhamos em sete anos. Com dedicação, muito trabalho e muito resultado positivo.

Cheguei a um fim de contrato com voz cansada, mas ainda preparada para quanto tempo fosse necessário. Me faltou menos stress e mais manutenção. As letras de música, já sabia todas decoradas. Em minha opinião, hábito e memória trabalham lado a lado. Os joelhos já estavam cansadinhos e logo sobrecarregaram a coluna. Ao chegar em casa descobri uma escoliose. Concluo assim com laudos médicos que o uso contínuo de saltos altos é extremamente prejudicial à coluna.

Chego também a conclusão de um forte trabalho de maturação da Maynah professora. Por ter a constante mudança na visão e perspectiva de mundo, o que receberei e transmitirei para meus alunos no próximo ano letivo não será nem próximo ao trabalho que fiz em 2017. Penso que a partir das minhas novas vivências e realizações, posso motivar, incentivar e conduzir alunos com mais facilidade além de observar e permitir mais que o sentimento de cada um aflore por meio de sua arte.

Essa experiência serviu-me para organizar meus pensamentos e finalidades de acordo com trabalho que fui disposta a realizar. O profissionalismo reinou e meus ideais adaptaram-se de acordo com minhas perdas, faltas e realizações. Concluo que a experiência de seis meses a bordo de um navio é extremamente claustrofóbica e libertadora. Tudo cabe ao ponto de vista e posição psicológica que coloca-se a partir do momento em que aceita-se entrar nesta onda.

5. ANEXOS

5.1. ANEXO 1 – Reperório.

40´S STANDARS TO 60´S ROCK

1. MY WAY – SINATRA
2. NEW YORK NEW YORK – SINATRA
3. AS TIME GOES BY – CARLY SIMON
4. AUTUMN LEAVES – NAT KING COLE
5. FLY ME TO THE MOON – SINATRA
6. CAN´T HELP FALLING LOVE – ELVIS
7. ALL OF ME – SINATRA
8. I´VE GOT YOU UNDER MY SKIN – SINATRA
9. L.O.V.E – SINATRA
10. MACK THE KNIFE – SINATRA
11. NIGHT AND DAY – SINATRA
12. LET ME TRY AGAIN – SINATRA
13. RAINDROPS KEEP FALLING ON MY HEAD – DEAN MARTIN
14. SINGING IN THE RAIN – GENE KELLY
15. ME AND MRS JONES - MICHAEL BUBLE
16. SOMETHING STUPID – ELVIS
17. STRANGERS IN THE NIGHT – ELVIS
18. THE WAY LOOK TONIGHT – TONY BENNETTE
19. EVERYTHING – MICHAEL BUBLE
20. FEELING GOOD – NINA SIMONE
21. SAVE THE LAST DANCE FOR ME – BUBLE
22. SWAY
23. AIN´T NO WAY- ARETHA FRANKLIN
24. LOST - MICHAEL BUBLE
25. UNFORGETTABLE – NATALY COLE
26. ALWAYS ON MY MIND - MICHAEL BUBLE
27. SYLVIA – ELVIS
28. ONLY YOU – THE PLATERS
29. SUSPICIOUS MIND – ELVIS
30. UNCHAINED MELODY - RIGHTEOUS BROTHERS
31. WHAT A WONDERFUL WORLD – LOUIS ARMSTRONG
32. WHEN A MAN LOVES A WOMAN
33. YOU ARE SUNSHINE OF MY LIFE – STEVIE WONDER

34. A HARD DAYS NIGHT – BEATLES
35. ALL MY LOVING – BEATLES
36. CAN'T BUY ME LOVE – BEATLES
37. HELP – BEATLES
38. AND I LOVE HER
39. SOMETHING – BEATLES
40. I WANNA HOLD YOUR HAND – BEATLES
41. SHE LOVE YOU – BEATLES
42. TWIST AND SHOUT – BEATLES
43. BLUE SUEDE SHOES - ELVIS PRESLEY
44. JAILHOUSE ROCK - ELVIS PRESLEY
45. TUTTI FRUTI - ELVIS PRESLEY
46. HOUND DOG – ELVIS
47. ROCK AROUND O'CLOCK – BILL HALEY
48. I FEEL GGOD – JAMES BROWN
49. PRETTY WOMAN – ROY ORBISON
50. YOU GOT IT – ROY ORBISON
51. FOR ONCE IN MY LIFE – SINATRA
52. THE LADYS A TRAMPS – SINATRA
53. GEORGIA ON MY MIND – RAY CHARLES
54. THIS MASQUARADE – THE CARPINTERS
55. MANDY – BARRY MANILOW
56. MISTY – JOHNNY MATHIS
57. EVIE – JOHNNY MATHIS
58. MY CHERIE AMOUR – STEVIE WONDER
59. MICHELLE – BEATLES
60. SHE – CHARLES AZNAVOUR
61. CHAMPAGNE – PEPINO DI CAPRI
62. CRAZY – JULIO IGLESIAS
63. AT LAST – ETTA JAMES

70'S MUSICS

1. DANCING QUEEN – ABBA
2. BOOGIE – A TASTE OF HONEY
3. MORE THAN WOMAN –BEE GEES
4. SATURDAY NIGHT FEVER – BEE GEES
5. STAYING ALIVE – BEE GEES
6. YOU SHOULD BE DANCING – BEE GEES
7. YOUR SONG – BILLY PAUL
8. GOT TO BE REAL – CHERYL LYNN
9. HAVE YOU EVER SEEN THE RAIN – CREEDENCE
10. LISTEN TO THE MUSIC – DOBBIE BROTHERS
11. LONG TRAIN MONEY - DOBBIE BROTHERS
12. HOT STUFF – DONNA SUMMER
13. LAST DANCE – DONNA SUMMER
14. SHE WORKS HARD FOR THE MONEY – DONNA SUMMER
15. LET'S GROOVE TONIGHT - EARTH, WIND & FIRE

16. SEPTEMBER - EARTH, WIND & FIRE
17. FANTASY - EARTH, WIND & FIRE
18. CAN'T TAKE MY EYES OF YOU – GLORIA GAYNOR
19. LOVE IS IN THE AIR - JOHN PAUL YOUNG
20. IT'S RAINING MEN – WEATHER GIRLS
21. MACHO MAN – VILLAGE PEOPLE
22. Y.M.C.A – VLLAGE PEOPLE
23. DISCO INFERNO - THE TRAMPS
24. YOU MAKE ME FEEL – SYLVESTER
25. DON'T LET ME BE MISUNDERTOOD – SANTA ESMERALDA
26. SHOW ME THE WAY – PETER FRAMPTON
27. BORN TO BE WILD – PATRICK HERNANDEZ
28. GREASE - YOU'RE THE ONE THAT I WANT - OLIVIA & JOHN TRAVOLTA
29. SUMMER NIGHT - OLIVIA NEWTON JOHN & JOHN TRAVOLTA
30. RESPECT - ARETHA FRANKLIN
31. DON'T STOP TILL YOU GET ENOUGH - MICHAEL JACKSON
32. ROCK WITH YOU - MICHAEL JACKSON
33. PROUD MARY- TINA TURNER
34. MICHAEL JACKSON- I WANT YOU BACK
35. SEX MACHINE – JAMES BROWN
36. WONDERWALL- OASIS
37. SUPERSTITION - STEVIE WONDER
38. ISN'T SHE LOVELY - STEVIE WONDER
39. HIGHER GROUND - STEVIE WONDER
40. ONLY YESTERDAY - THE CARPENTERS
41. MISTER POSTMAN - THE CARPENTERS
42. CLOSE TO YOU - THE CARPENTERS
43. HOTEL CALIFORNIA – EAGLES
44. THAT'S THE WAY I LIKE IT – KC AND THE SUNSHINE BAND
45. GIVE IT UP – KC AND THE SUNSHINE BAND
46. DUST IN THE WIND - KANSAS
47. JANIS JOPLIN- PIECE OF MY HEART

80'S MUSICS

1. KAYLEIGH - MARILLIAN
2. THE LOGICAL SONG - SUPERTRAMP
3. GIVE A LITTLE BE - SUPERTRAMP
4. SAVE A PRAYER - DURAN DURAN
5. COME UNDUNE - DURAN DURAN
6. ORDINARY WORLD - DURAN DURAN
7. WAKE ME UP BEFORE YOU GO-GO – WHAM!
8. DANCING WITH YOUR MYSELF – BILLY IDOL
9. TAKE ON ME – A-HA
10. YOU ARE THE ONE – A-HA
11. HUNTING HIGH AND LOW – A-HA
12. CRYING IN THE RAIN – A-HA

13. STAY ON THESE ROADS – A-HA
14. MIDDLE OF ROAD - THE PRETENDERS
15. THE HEAT IS ON - GLENN FREY
16. WHEN TOMORROW COMES – EURYTHMICS
17. SWEET DREAMS - EURYTHMICS
18. THERE MUST BE AN ANGEL (PLAYING WITH MY HEART) – EURYTHMICS
19. YOU GIVE LOVE A BAD NAME – BON JOVI
20. ALWAYS - BON JOVI
21. LIVING ON A PRAYER - BON JOVI
22. BED OF ROSES - BON JOVI
23. KARMA CHAMELEON – CULTURE CLUB
24. GIRLS JUST WANNA HAVE FUN – CINDY LAUPER
25. TRUE COLORS – CINDY LAUPER
26. TIME AFTER TIME
27. WALK OF LIFE – DIRE STRAITS
28. SULTANS OF SWING – DIRE STRAITS
29. A LITTLE RESPECT – ERASURE
30. FOOTLOOSE – KENNY LOGGINS
31. CRAZY LITTLE THING CALLED LOVE – QUEEN
32. UNDER PRESSURE - QUEEN
33. RADIO GA GA - QUEEN
34. I WANT TO BREAK FREE – QUEEN
35. LOVE OF MY LIFE - QUEEN
36. BEAT IT - MICHAEL JACKSON
37. THRILLER - MICHAEL JACKSON
38. BILLIE JEAN - MICHAEL JACKSON
39. WHAT A FEELING – IRENE CARA
40. SEXUAL HEALING – MARVIN GAYER
41. ALL NIGHT LONG – LIONEL RICHIE
42. SMOOTH OPERATOR – SADE
43. LIKE A VIRGIN – MADONNA
44. LIKE A PRAYER- MADONNA
45. HOLIDAY – MADONNA
46. PAPA DON'T PREACH - MADONNA
47. GET INTO THE GROOVE - MADONNA
48. LA ISLA BONITA - MADONNA
49. HEAD OVER HEELS – TEARS FOR FEARS
50. SHOUT – TEARS FOR FEARS
51. EVERYBODY WANTS TO RULE - TEARS FOR FEARS
52. ROXANNE - THE POLICE
53. EVERY LITTLE THING SHE DOES IS MAGIC - THE POLICE
54. MESSAGE IN THE BOTTLE - THE POLICE
55. WALKING ON THE MOON - THE POLICE
56. WOMAN IN CHAINS - TEARS FOR FEARS
57. ADVICE FOR THE YOUNG AT HEART - TEARS FOR FEARS
58. THE BOY WITH THE THORN IN HIS SIDE – THE SMITHS
59. BIGMOUTH STRIKES AGAIN – THE SMITHS
60. SUEDEHEAD - MORRISSEY

61. BOYS DON'T CRY – THE CURE
62. SOMEBODY – BRYAN ADAMS
63. HEAVEN – BRYAN ADAMS -
64. PELASE FORGIVE ME – BRYAN ADAMS
65. (EVERYTHING I DO) I DO IT FOR YOU – BRYAN ADAMS
66. TOTAL ECLIPSE OF THE HEART - BONNIE TYLER
67. LISTEN TO YOUR HEART - ROXETTE
68. IS THIS LOVE – WHITESNAKE
69. WITH OR WITHOUT YOU – U2
70. EVERYTIME YOU GO AWAY - PAUL YOUNG
71. I'VE HAD THE TIME OF MY LIFE - BILL MEDLEY & JENNIFER WARNES
72. LIFE IS TO CHURCH - SCORPIONS
73. STILL LOVING YOU – SCORPIONS
74. BROKEN WINGS - MR MISTER
75. I JUST CALLED TO SAY I LOVE YOU - STEVIE WONDER
76. ÁFRICA – TOTO
77. ROSANNA - TOTO
78. DON'T YOU FORGET ABOT ME - SIMPLE MINDS
79. MORE THAN A FEELING - BOSTON
80. DON'T STOP BELIEVIN - JOURNEY
81. LOVING TOUCHING SQUEEZING – JOURNEY
82. GIMME GIMME GIMME – NARADA MICHAEL WALDEN
83. YOU'RE MY FIRST, MY LAST, MY EVERYTHING – BARRY WHITE
84. SWEET CHILD ON MINE – GUNS AND ROSES
85. TIME – PINK FLOID
86. ANOTHER BRICK AND THE ONE – PINK FLOID
87. WISH YOU WERE HERE – PINK FLOID
88. JUMP – VAN HALLEN
89. I WANT TO KNOW WHAT LOVE IS – FOREIGNER
90. SLEDGEHAMMER – PETER GABRIEL
91. U.S.A FOR AFRICA

90'S MUSICS

1. TOGETHER FOREVER - RICK ASTLEY
2. CRY FOR HELP - RICK ASTLEY
3. NEVER GONNA GIVE YOU UP – RICK ASTLEY
4. THE ONE I LOVE – R.E.M
5. LOOSING MY RELIGION – R.E.M
6. SHINY HAPPY PEOPLE – R.E.M
7. LIVING LA VIDA LOCA – RICK MARTIN
8. SHE BANGS 'RICK MARTIN
9. MAMBO NUMER FIVE – LOU BEGA
10. MAN IN HE MIRROR – BAD – BLACK OR WHITE - MICHAEL JACKSON
11. MAN! I FEEL LIKE WOMAN – SHANIA TWAIN
12. CORAZON ESPINADO – SANTANA
13. SMOOTH – SANTANA
14. LADY MARMALADE – CHRISTINA AGUILERA

15. WANNA BE - SPICE GIRLS
16. BACKSTREET BOYS – EVERYBODY
17. CHER – BELIEVE
18. CE CE PENISTON – FINALLY
19. ROBBIE WILLIAMS – ANGELS
20. ONE- U2
21. MARIA – RICKY MARTIN
22. MARIA MARIA – SANTANA
23. FOUR MINUTES – MADONNA
24. LOVIN EVERY MINUTE – LIGHT HOUSE FAMILY
25. MR JONES – COUNTING CROUWS
26. IF YOU GO – JON SECADA
27. JUST ANOTHER DAY – JON SECADA
28. DO YOU BELIEVE IN US – JON SECADA
29. HEY BABY – DJ OTZI
30. MY HEART WILL GO ON – CLINE DION
31. SAY YOU'LL BE THERE - SPICE GIRLS

REGGAE

1. IS THIS LOVE – BOB MARLEY
2. I SHOT SHERIFF – ERIC CLAPTON
3. REGGAE NIGHT – JIMMY CLIFF
4. JOHNNY BE GOODE – PETER TOSH
5. BLACK ROSES - INNER CIRCLE
6. I'M YOUR – JASON MRAZ
7. RUDE – MAGIC
8. ANGEL – SHAGGY
9. THE LAZY SONG – BRUNO MARS
10. DO YOU REALLY WANT TO HURT ME - CULTURE CLUB

TODAY HITS

1. LOCKED OUT OF HEAVEN - BRUNO MARS
2. TREASURE - BRUNO MARS
3. JUST THE WAY YOU ARE - BRUNO MARS
4. UPTOWN FUNK- BRUNO MARS
5. GET LUCKY – DAFT PUNK
6. ROYALS – LORDE
7. BLANK SPACE - TAYLOR SWIFT
8. TAKE TO ME TO CHURCH – HOZIER
9. ROLLING IN THE DEEP – ADELE
10. SET FIRE TO THE RAIN – ADELE
11. SOMEONE LIKE YOU – ADELE
12. HELLO – ADELE
13. WHEN I WAS YOUR MAN - BRUNO MARS

14. BEAUTIFUL – AKON
15. LOVE GENERATION - BOB SINCLAR
16. HOLD ME AGAINST ME - BRITNEY SPEARS
17. BABY ONE MORE TIME – BRITNEY SPEARS
18. TOXIC – BRITNEY SPEARS
19. VIVA LA VIDA – COLD PLAY
20. THE SCIENTIST - COLDPLAY
21. PARADISE - COLDPLAY
22. LOVE IS GONE - DAVID GUETTA & CHRIS WILLIS
23. CAN YOU FEEL IT - JEAN ROCH
24. BAD ROMANCE - LADY GAGA
25. JUST DANCE - LADY GAGA
26. POKER FACE - LADY GAGA
27. MOVE LIKE JAGGER - MARRON 5
28. SUNDAY MORNING - MARRON 5
29. THIS LOVE - MARRON 5
30. SUGAR - MARRON 5
31. I DON'T KNOW WHY – MONNY
32. HUSH,HUSH; - PUSSYCAT DOLLS
33. DON'T CHA - PUSSYCAT DOLLS
34. DON'T STOP THE MUSIC – RIHANNA
35. ONLY GIRL (IN THE WORLD) – RIHANNA
36. DIAMONDS – RIHANNA
37. WE FOUND LOVE - RIHANNA
38. UMBRELA- RIHANNA
39. WHEN TAKES OVER – KELLY ROWLAND
40. PRICE TAG - JESSIE J
41. DOMINO - JESSIE J
42. WHO YOU ARE - JESSIE J
43. SHE WOLF (FALLING TO PIECES) – SIA
44. CHANDELIER – SIA
45. ALL FOR YOU - SISTER HAZEL
46. HAPPY - SQUARE HEADS
47. HAPPY - PHARRELL WILLIAMS
48. I GOTTA FEELING - THE BLACK EYED PEAS
49. I DON'T KNOW WHAT TO DO - TIKO'S GROOVE
50. HALO – BEYONCÉ
51. CRAZY IN LOVE – BEYONCÉ
52. IF I WERE A BOY - BEYONCE
53. IRREPLACEABLE - BEYONCE
54. PRETTY HURTS – BEYONCE
55. LOVE ON TOP – BEYONCE
56. FIRE WORK - KATY PERRY
57. I KISSED A GIRL – KATY PERRY
58. CALIFORNIA GIRLS – KATY PERRY
59. TEENAGE DREAM - KATY PERRY
60. THE ONE THAT GOT AWAY - KATY PERRY
61. HOT N' COLD - KATY PERRY

62. CHEARLEADER- OMI
63. HIPS DON'T LIE- SHAKIRA
64. ESTOY AQUI – SHAKIRA
65. WHENEVER WHEREVER- SHAKIRA
66. CAN'T REMEMBER TO FORGET YOU- SHAKIRA FEAT RIHANNA
67. ALL ABOUT THAT BASS- MEGAN TRAINOR
68. SORRY- JUSTIN BIEBER
69. MIRRORS- JUSTIN TIMBERLAKE
70. WHAT GOES A ROUND COMES AROUND – JUSTIN TIMERLAKE
71. LOVE NEVER FELT SO GOOD – MICHAEL JACKSON FEAT JUSTIN
TIMBERLAKE
72. MY LOVE - JUSTIN TIMBERLAKE
73. BANG BANG- ARIANA GRANDE FEAT JESSUE J AND NICKI MINAJ
74. PROBLEM – ARIANA GRANDE
75. ONE LESS PROBLEM – ARIANA GRANDE
76. WORTH IT- FIFTH HARMONY
77. WRECKING BALL- MILEY CYRUS
78. TITANIUM- DAVID GUETA
79. P.D.A- JOHN LEGEND
80. WIGGLE- JASON DERULO
81. YOU AND I BOTH- JASON MRAZ
82. REHAB – AMY WINEHOUSE
83. VALERIE- AMY WINEHOUSE
84. BACK TO BLACK- AMY WINEHOUSE
85. TEARS DRY ON THEIR OWN- AMY WHINEHOUSE
86. COUTING STARS -ONE REPUBLIC
87. APOLOGIZE- ONE REPUBLIC
88. LET IT GO - DEMI LOVATO
89. BORN TO DIE - LANA DEL REY
90. SUMMERTIME SADNESS - LANA DEL REY
91. YOUNG AND BEAUTIFUL - LANA DEL REY
92. LITHIUM - EVANESCENCE
93. MY IMMORTAL – EVANESCENCE
94. CRAZY – SEAL
95. BLESSED - ELTON JONH
96. I DON'T WANT TO MISS I THING – MARK CHESNUT
97. TWO IS BETTER ONE - BOYS LIKE GIRLS
98. I KNEW I LOVED YOU – SAVAGE GARDEN
99. MOVIE LIKE JAGGER - MAROON 5
100. RIGHT TO BE WRONG - JOSS STONE

LATIN MUSIC

1. LA BARCA – BOLERO -
2. LA PUERTA - BOLERO
3. BORBUJAS DE AMOR - BOLERO
4. BESAME MUCHO - BOLERO

5. EL DIA QUE ME QUIERAS – BOLERO
6. EL RELOJ – BOLERO
7. NO ME PLATIQUES MAS – BOLERO
8. ROMANCE ROSA - BOLERO
9. QUIZAS QUIZAS QUIZAS - BOLERO
10. SABOR A MI – BOLERO
11. VOY APAGAR LA LUZ – BOLERO
12. CONTIGO APRENDI – BOLERO
13. OYE COMO VA – RUMBA
14. SUAVEMENTE – MERENGUE
15. DEVORAME OTRA VEZ – SALSA
16. MI TIERRA – SALSA PEDRO NAVAJA - SALSA
17. GUAJIRA GUANTANAMERA – BOLERO
18. BAILANDO – POP
19. GAROTA DE IPANEMA – BOSSA NOVA
20. O BARQUINHO – BOSSA NOVA
21. ESTE SEU OLHAR – BOSSA NOVA
22. CHEGA DE SAUDADE – BOSSA NOVA
23. DESAFINADO – BOSSA NOVA
24. SAMBA DE VERÃO – BOSSA NOVA
25. WAVE – BOSSA NOVA
26. SO DANÇO SAMBA – BOSSA NOVA
27. RIO – BOSSA NOVA
28. INSENSATEZ – BOSSA NOVA
29. AI SE EU TE PEGO – MICHEL TELÓ
30. MACARENA – LOS DEL RIO
31. LA BOMBA – RICKY MARTIN
32. LA BOMBA – KING AFRICA

ROMANTICS AND SLOW MUSICS:

1. ETERNAL FLAME – THE BANGLES
2. LOST IN YOUR EYES – DEBBIE GIBSON
3. ALL OUT OF LOVE – AIR SUPPLY
4. THE BEST THAT YOU CAN DO (ARTHUR'S THEME) – CHRISTOPHER CROSS
-
5. SAILING – CHRISTOPHER CROSS
6. GLORY OF LOVE - PETER CETERA
7. YOU'RE THE INSPIRATION - CHICAGO
8. IN YOUR EYES – GEORGE BENSON
9. STUCK ON YOU – LIONEL RICHIE
10. THREE TIMES A LADY – LIONEL RITCHIE
11. LATELY- STEVIE WONDER
12. HELLO – LIONEL RITCHIE
13. EASY- LIONEL RITCHIE
14. SWEET LOVE – ANITA BAKER
15. I'LL BE OVER YOU – TOTO

16. SHE'S LIKE THE WIND - PATRICK SWAYSE
17. YOU WILL NEVER FIND - MICHAEL BUBLE & LAURA PAUSINI
18. WE'VE GOT TONIGHT - KENNY ROGERS & SHEENA EASTON
19. SHE BELIEVES IN ME - KENNY ROGERS & LIONEL RITCHIE
20. NEVER GONNA LET YOU GO – SERGIO MENDES
21. UP WHERE WE BELONG - JOE COCKER AND JENNIFER WARNES
22. A WHOLE NEW WORLD - PEABO BRYSON AND REGINA BELLE
23. HOW CAN I GO ON – FREDDIE MERCURY AND MONSERRAT
24. ONE SWEET DAY – MARIAH AND LUTHER VANDROSS
25. SOMEWHERE OUT THERE - LINDA RONSTADT AND JAMES INGRAM
26. WHEN I FALL IN LOVE - NAT KING COLE AND NATALIE COLE
27. THE CLOSER I GET TO YOU - ROBERTA FLACK & DONNY HATHAWAY
28. I WILL ALWAYS LOVE YOU – WHITNEY HOUSTON
29. DON'T KNOW WAY – NORA JONES
30. ENDLESS LOVE – DIANA ROSS AND LIONEL RITCHIE
31. STOP, LOOK, LISTEN TO YOUR HEART - DIANA ROSS & MARVIN GAYE
32. YOU'RE MY EVERYTHING - DIANA ROSS & MARVIN GAYE
33. VESTI LA GIUBA- LEON CAVALLO
34. NESSUM DORMA – PUCCINI
35. CON TE PARTIRO – ANDREA BOCELLI
36. RIEN DE RIEN – EDITH PIAF
37. NE ME QUITTE PA – EDITH PIAF
38. COSE DELLA VITA - EROS RAMAZZOTTI
39. UN ANGELO DISTESO AL SOLE - EROS RAMAZZOT
40. TI BEN L'ONCLE SOUL - PETITE SOEUR
41. I LOOK TO YOU – WHITNEY HOUSTON
42. SAVING ALL MY LOVE FOR YOU- WHITNEY HOUSTON
43. I HAVE NOTHING- WHITNEY HOUSTON
44. GREATEST LOVE OF ALL – WHITNEY HOUSTON
45. ONE MOMENT IN TIME – WHITNEY HOUSTON
46. ALL BY MYSELF- CELINE DION
47. LOVE ME LIKE YOU DO- ELLE GOLDING
48. I'M NOT THE ONLY ONE- SAM SMITH
49. LAY ME DOWN – JOHN LEGEND SAM SMITH
50. ALL OF ME- JOHN LEGEND
51. THINKING OUT LOUD- ED SHEERAN
52. I'LL BE THERE- MICHAEL JACKSON
53. A THOUSAND YEARS - CHRISTINA PERRI
54. IMAGINE- JOHN LENNON
55. BABY I LOVE YOUR WAY - PETER FRAMPTON
56. BABY COME BACK - PLAYER
57. IT'S TOO LATE – CAROLE KING
58. YESTERDAY – BEATLES
59. HOW DEEP YOUR LOVE –BEE GEES
60. AFTER THE LOVE HAS GONE - EARTH, WIND & FIRE
61. SHE OUT MY LIFE - MICHAEL JACKSON
62. HEALTHE WORLD - MICHAEL JACKSON
63. OVER JOYED – STEVIE WONDER

64. RIBBON IN THE SKY – STEVIE WONDER
65. GARY MOORE - STILL GOT THE BLUES
66. QUANDO QUANDO QUANDO – BUBLE & NELLY FURTADO
67. LOVE IS ALL - MALCOLM ROBERTS
68. FEELINGS – MORRIS ALBERT
69. I WANNA KNOW WHAT LOVE IS- MARIAH CAREY
70. LISTEN – BEYONCÉ
71. BECAUSE YOU LOVED ME- CELINE DION
72. NO ONE- ALICIA KEYS
73. IF I AIN'T GOT YOU- ALICIA KEYS
74. GIRL ON FIRE- ALICIA KEYS
75. EMPIRE STATE OF MIND – ALICIA KEYS
76. FALLIN- ALICIA KEYS
77. I TURN TO YOU – CHRISTINA AGUILERA
78. MY ALL – MARIAH CAREY
79. HERO – MARIAH CAREY
80. FOREVER YOUNG- ALPHAVILLE
81. TAKE MY BREATH AWAY -BERLIN
82. AGAINTS ALL ODDS –MARIAH CAREY
83. DIO COME TI AMO – GIGLIOLA CINQUETTI
84. PER AMORE – ZIZI POSSI
85. AMORE SCUSAMI –RITA PAVONE
86. YOU ARE SO BEAUTIFUL
87. ANGEL – JON SECADA
88. CARELLES WISPERS – GEORGE MICHAEL
89. HOW DEEP IS YOUR LOVE – BEE GEES
90. VIVIR SIN AIRE – MANÁ
91. YOU'VE GOT A FRIEND – JAMES TAYLOR
92. CRUISIN - GWYNETH PALTROW & HUEY LEWIS
93. YOUR SONG – ELTON JONH
94. HOME – MICHAEL BUBLLE
95. KISS AND SAY GOODBYE – MANHATANS

5.2. ANEXO2- Uniformes



Uniforme usado para eventos durante o dia na piscina



Uniforme usado para eventos durante o dia na piscina



Uniforme usado para eventos durante o dia na piscina



Uniforme de combinação Branca e Rosa, usados em momento de descontração após evento na piscina.



Combinação com preto e branco (cores oficiais da banda) para evento na piscina.

5.3. ANEXO 3- figurinos combinando cores, Beatles, gala, etc



Combinação de cores entre integrantes da Banda



Combinação de cores entre integrantes da Banda



Combinação de cores entre integrantes da Banda



Figurino especial para set solo e Live Room.



Músicos a bordo aderiram à nossa escolha de cores.



Figurino para show temático dos Beatles.

ACTIVITIES		
TIME	VENUE	WHAT'S ON
07.15 08.00	Oceans Gym, Deck 9	Fab Abs Class
	Oceans Gym, Deck 9	Pathway to Yoga* (charge applies)
10.00 10.30	Sports Deck, Deck 10	Walk a Mile with Lottie (Meet at the Start Line)
	Mini Golf, Deck 10	Hole in One Challenge with Helen
11.30 12.30 13.30 & 16.30	Pool Deck, Deck 9	Table Tennis with Helen
	Venue, Deck 5	Indoor Curling with Helen
	Pool Deck, Deck 9	Bitesize Mystery Voice Challenge
14.00 14.00	Oceans Spa, Deck 9	How To Eliminate dark circles and puffy eyes
	Pool Deck, Deck 9	Afternoon Trivia with Harlequin
15.00	Pool Deck, Deck 9	Deck Event - Drop In The Ocean
15.30 15.30	Venue, Deck 5	Mayfair Quickstep Dance Class with Adam & Jasmine
	Oceans Spa, Deck 9	Complimentary Skin Analysis
16.00	Pool Deck, Deck 9	Hotel Heroes Join Daniella as they showcases a selection of amazing hidden talents from your hotel team
16.00 16.30	Oceans Spa, Deck 9	Relieving Back Pain and Improving Posture
	Oceans Spa, Deck 9	Love You Lips Loose Your Lines
17.00 17.00-19.00	Atrium, Deck 4	Meringue Dance Class with Adam & Jasmine
	The Wall, Deck 10	Grant & Jordan will help you get to the top!
17.30 17.45	Venue, Deck 5	Jackpot Bingo - Eyes down at 18.15
	Venue, Deck 5	Chart Challenge with Harlequin
18.00	Library, Deck 6	Book Swap - Come along and swap any used or read book with our collection. Any donations are appreciated.
19.00-21.00	VR Room, Deck 3	Virtual Reality Taster Sessions

SHIP EMERGENCY NUMBER: _____

TIME TO BE BACK ONBOARD: _____

Everything Must Go
Our best offers of the week are by tobacco, 2 for £20 on selected sp up to 40% off on bags, and much therapy!
18.30-23.30

Go Smile
Your smile is the outward ex
• Whitens Teeth up to 6.5h
• Only Takes 30 Minutes
• Works On Caps, Crowns E
• No Pain Or Sensitivity
Normally £98, only £78 to
08.00-22.00

All Inclusive Value
You had some amazing get a great value offer All inclusive, prints or d information on the sav
17.00-23.00

Casino Lotto Li
7 winning numbers w wheel, Match all 7 n £10 worth for a cha ticket sales at 23.00.
18.30-late

Early & Late F
Reserve your plac dining for only £1 featuring some d goes the extra sn Book now on the
18.30-21.30

Toast to Ma
Celebrate the e sparkling wine i our Social Host

Marella Celi
Sail Three S
29th August
All Inclusive
Dubrovnik
Messina - I
Igoumenits
Dubrovnik
Come alo

CRUISE NEWS

Thursday 30th August 2018
Zakynthos Town,
Zante

Welcome to

Zakynthos Town, Zante

Zakynthos Town is packed with culture - from centuries-old castles to museums. Elsewhere, the island's shoreline focuses on natural wonders, like cliff-framed beaches and stunning sea caves, while the interior is cloaked in olive groves.

- In Zakynthos Town, work up an appetite with a walk to the hilltop Venetian fortress, before heading to St Mark's Square for lunch in an al fresco restaurant.
- Smuggler's Cove is the island's best-known beach with a famous shipwreck - washed up in 1983.
- On a trip to the beautiful Blue Grotto, you'll glide into sea carved cliffs, and swim in the crystal-clear waters.

Iconic Islands
Arrival 08.00
Departure 18.00

Tonight's Performance
20.30 & 22.30 **Steel City:** We're going up North to Sheffield tonight! Will they go from Steel Men to the Full Monty..? (Broadway Show Lounge, Deck 4)

PORT INFO

Today's Gangway:
Deck 1 - midship

Tender Operations
Last Tender from ashore is at 17.00

WEATHER

Temperature: 31°
Synopsis: Sunny
Sunrise: 07.04
Sunset: 20.08

CURRENCY

Currency: Euro
Currency Exchange facility is available at Reception from 07.00-midnight

5.5. ANEXO 5 – Caracterização para set Samba



Foto com Cabeça específica para sets de carnaval

5.6. ANEXO 6- Destinos que visitei



Turquia - Bodrum



Grécia – Atenas



Inglaterra- Londres



Cuba- Havana



Itália- Veneza



Croácia- Split



Grécia- Santorini



Espanha- Cadiz



Cartagena das Índias – Colômbia



Grécia – Rhodes



México- Cozumel



Grécia- Mykonos

5.7. ANEXO 7- visita do meu pai



Turquia Grécia - Zakynthos



Comemoração do meu aniversário

5.8. ANEXO 8 – dois bolos



Amigo que me presenteou com um bolo.

6. BIBLIOGRAFIA

AMARAL, R. Cruzeiros Marítimos. Barueri, Manole, 2ª Edição, 2006.

BORGES, Marta Poggi e PEREIRA, Bruno Castellari. Turismo de Negócios: uma análise do setor em Piracicaba/SP. Caderno Virtual de Turismo. Volume 6 - 4ª Edição, 2016.

CAMAROTTO, Mario e MENDES, Cristina D. C. T. A importância de Exercícios Simulados na Atividade de Contra Incêndio e Salvamento em Aeródromo. Revista Conexão Sipaer, São Paulo, 2015.

DAHER, Vivian. IH Care - Occupational Health Nurse, 2017.

DIAS, F.B., HIEKATA, P.H.S.O, JUNIOR, A.R.P., e SILVA, T.A.C. A Formação Acadêmica dos Animadores Socioculturais em Navios de Cruzeiro. Congresso Paulista de Ed. Física. 2012

EAGLETON, Terry. A idéia de Cultura. UNESP, 2000.

FALGUETO, Mariana Caliman. A Atualização das Redes Sociais como uma Estratégia de Marketing. Viçosa, 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GALVÃO, Natália Filipa Pedro. A Dança na Animação em Resorts Flutuantes. Lisboa, 2014.

HEYERDAHL, Guto. Presença de palco. Dicas para iniciantes. <http://replash.net>, Ceará, 2012.

MARELLA DISCOVERY 2 (182014), registro de Embarcações DNV GL, 2016.

MARQUES, José Roberto. O Diferencial da Motivação no Trabalho em Equipe. Blog JRM, Brasil, 2018.

MONTERIO, Luisa, FERREIRA, Nuno. HARVARD MEDICAL SCHOOL – PORTUGAL PROGRAMA in translation research and information. Perturbações na cordas vocais (2011) <https://hmsportugal.wordpress.com/2011/09/09/perturbacoes-das-cordasvocais-2/> Acesso em 12 de novembro de 2018

PAYNE, Martyn. Diretor de cruzeiros da temporada de verão de Marella Discovery 2, Reino Unido, 2018.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. O Profissional do lazer nos cruzeiros marítimos: um estudo de caso do MSC Armonia (Temporada Reveillon/2006). São Paulo, ANAIS da AMPHORT, 2006.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. Navegar é preciso 2, Universidade São José Tadeu. São Paulo, 2007.

REINHARDT, Juliana Cristina. Diga-me o que comes e te direi quem és: Alemães, comida e identidade. Universidade Federal do Paraná, 2007

OLIVEIRA, Roselira. Ser extremamente sensível no trabalho. Site Ame sua Sensibilidade. Brasil, 2018

SCHECHNER, Richard. O que é performance? In **O Percevejo**, ano 11, 2003, n. 12, p. 25 a 50

VALENTE, Heloisa de A Duarte. E la nave và... Nel blu, ti pinto di blu... Cruzeiros turísticos: cidades flutuantes e paisagens musicais. Universidade Paulista, São Paulo, SP, 2018.

SANTANA, Costa Jean. A Resistência Corporal Diante do Trabalho Alienado. Revista Espaço Livre, Vol 8- número 15, Brasil 2013